



PROJETO DE EXTENSÃO
COMPARTILHANDO LEITURAS

PRODUÇÕES EM TEMPO DE ISOLAMENTO:

POETIZAR E REGISTRAR O INÉDITO

Rejane Maria de Almeida Amorim
Valdete Viana Tavares
ORGANIZADORAS



LETR@PITAL

Copyright © Rejane Maria de Almeida Amorim e Valdete Viana Tavares, 2020

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico, sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.

EDITOR João Baptista Pinto

CAPA Amanda Barbosa Martins Ferreira
Ana Lucia De Andrade Barreto
Felipe De Carvalho Ferreira
Lidiane Jeane Lima Cezario
Rebeca Oliveira Calado

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

REVISÃO Luiz Felipe Barbedo de Souza

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P956

Produções em tempo de isolamento: poetizar e registrar o inédito [recurso eletrônico] / organizadoras Rejane Maria de Almeida Amorim, Valdete Viana Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

Recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-87594-15-6 (recurso eletrônico)

1. Literatura brasileira. 2. Coronavírus (Covid-19). 3. Livros eletrônicos. I. Amorim, Rejane Maria de Almeida. II. Tavares, Valdete Viana.

20-65267

CDD: 869

CDU: 821.134.3(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

LETRA CAPITAL EDITORA

Telefones (21) 22153781 / 35532236

vendas@letracapital.com.br

www.letracapital.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

Denise Pires de Carvalho

Reitora

Carlos Frederico Leão Rocha

Vice-reitor

Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Decano do CFCH

Vantuil Pereira

Vice-decano do CFCH

Larissa Gaspar Alves

Superintendente Administrativa do CFCH

Rejane Maria de Almeida Amorim

Coordenadora de Integração Acadêmica de Graduação do CFCH

Juliana Beatriz Almeida de Souza

Coordenadora de Integração Acadêmica de Pós-Graduação do CFCH

Pedro Paulo Gastalho de Bicalho

Coordenador de Integração Acadêmica de Extensão do CFCH

Organizadoras

Rejane Maria de Almeida Amorim

Valdete Viana Tavares

**Equipe do Projeto de Extensão Compartilhando Leituras –
Organizadores do Concurso**

Amanda Barbosa Martins Ferreira
Ana Lucia De Andrade Barreto
Felipe De Carvalho Ferreira
Larissa Gaspar Alves
Lidiane Jeane Lima Cezario
Maria Antonia Azevedo Teixeira Rocha
Pedro Barreto Pereira
Rebeca Oliveira Calado
Rejane Maria de Almeida Amorim (*Coordenadora*)
Ronald Vizzoni Garcia
Valdete Viana Tavares (*Coordenadora*)

Equipe da Decania do CFCH que compôs banca do concurso

Adriana Almeida Campos
Ana Maria Ribeiro
Debora Tiago Alvarez
Érica dos Santos Resende
Juliana Beatriz Almeida de Souza
Larissa Gaspar Alves
Luís Felipe Barbedo de Souza
Marcelo Macedo Corrêa e Castro (*Presidente da Banca*)
Marcelo Vieira da Cruz
Marcia Malaquias Braz
Pedro Barreto Pereira
Pedro Paulo Gastalho de Bicalho
Rejane Maria de Almeida Amorim
Ronald Vizzoni Garcia
Valdete Viana Tavares
Vantuil Pereira
Ronald Garcia

SUMÁRIO

Apresentação – <i>Marcelo Macedo Corrêa e Castro</i>	7
PRIMEIRA PARTE - Textos Vencedores do Concurso	9
1º Lugar - <i>Colheita - Thiago Luz</i>	10
2º Lugar - sobre o momento, a lógica e o bom senso: “apenas uma flor, capitão” - <i>Samir Schneid</i>	11
3º Lugar - Devoto para o futuro - <i>Gustavo Fernandes</i>	14
4º Lugar - Mundo Novo - <i>Heriete Takeda</i>	17
5º Lugar - A quarentena e o tempo - <i>Kíssila Muzy</i>	20
Segunda Parte – textos finalistas em ordem alfabética	23
A direção do olhar - <i>Flavia Lima Santos</i>	24
Ainda não é o fim - <i>Daiani da Silva Barbosa</i>	25
A liberdade da quarentena - <i>Bárbara Eufrazio</i>	27
Apesar de tudo, feliz páscoa! - <i>Matteo Pupillo</i>	28
Convite 2020 - <i>Estela Albuquerque</i>	29
Cordel da COVID 19 - <i>Ricardo Evangelhista</i>	34
De repente, quarentena! - <i>Ricardo Valentim</i>	38
(D)isolado - <i>Nalva Santos</i>	41
Dorme que passa - <i>Ceila Menezes</i>	42
Ei! O que houve? - <i>Maria de Fátima F.M.M. Bardano</i>	45
FÔLEGO - <i>Jonatan Magella</i>	48
Humanos - Borboleta - <i>Rebecca Reina</i>	51
Lembra? - <i>Sandro C. Rocha</i>	52
Lições de um vírus - <i>Tatyana Marques</i>	53
Morte e Vida do Amor nos tempos de vírus - <i>Nilza M. Santos</i>	56
O ato de sonhar - <i>Isabela Pessoa</i>	58
O Lenço de Cássio - <i>Renato Massari</i>	61

Pandemic - <i>Jorge Abreu</i>	64
Pânico, confinamento e futuro - <i>Vicente de Melo</i>	65
Pequenos Alentos & Grandes Sensações - <i>Gabriel Cassar</i>	68
Pequenos e Grandes heróis da quarentena - <i>Paula Cocate, Maria Luiza Cocate e Déborah Tereza Guedes Cocate</i>	69
Poeira de estrelas - <i>Mariana Andrade</i>	77
Quarentena moderna - <i>Victor Ribeiro</i>	79
Quando tudo isso passar... - <i>Priscila Cruz</i>	80
Querido tempo - <i>Taís Crema Remoli Ferreira</i>	82
Uma Carta Pedacinho de Sol - <i>Bruna Moraes</i>	84
PALAVRAS FINAIS	87
Concurso “Produções em tempos de Isolamento” na perspectiva dos extensionistas – <i>Amanda Barbosa Martins Ferreira, Ana Lucia de Andrade Barreto, Felipe de Carvalho Ferreira, Lidiane Jeane Lima Cezario e Rebeca Oliveira Calado</i>	88
Autores	92

APRESENTAÇÃO

A ação de extensão intitulada *Compartilhando Leituras* teve início em 2018, com uma proposta que visava à socialização de interpretações de obras literárias realizadas por docentes do CFCH.

Completado um primeiro ciclo, com leituras compartilhadas sobre autores como Shakespeare, Cora Coralina, Clarice Lispector e Euclides da Cunha, avaliamos que seria importante ampliar o conceito de leituras, o que, na nossa opinião, ajudaria a ampliar também o universo de participantes.

Neste sentido, pretendíamos incluir de forma mais efetiva outros sujeitos do corpo social da UFRJ, como os servidores técnico-administrativos, e estudantes da educação básica. Isso de fato ocorreu, quando compartilhamos a leitura acerca da exclusão a que estão submetidos travestis e transexuais em nosso sistema educacional.

Mais adiante, os estudantes compartilharam suas experiências como extensionistas, com reflexões sobre nuances, interpretações e entendimentos sobre o impacto da extensão em suas formações.

Quando avançávamos na consolidação desse segundo ciclo, fomos interpelados pelas medidas de restrição adotadas por causa da pandemia de COVID-19. Passados os primeiros dias, tempo em que ainda não sabíamos que o isolamento se prolongaria de maneira indeterminada, entendemos que era preciso pensar em alguma ação que nos mantivesse no curso do compartilhamento, agora, porém, tendo de lidar com os constrangimentos físicos impostos pelo distanciamento social.

A proposta que nos recolocou no caminho veio de um novo tipo de compartilhamento dentro do desenvolvimento da ação: o das leituras feitas sobre o futuro desejado/esperado após a pandemia. E a inovação não parou aí, visto que as leituras seriam compartilhadas por meio da escrita.

Lançamos publicamente o nosso convite para que quem assim o desejasse enviasse seu texto sobre o mundo depois da pandemia.

Fixamos um máximo de palavras, mas não determinamos gêneros nem limitamos idade, formação ou nacionalidade.

Era uma forma criativa e saudável para mantermos vivo o compartilhamento.

Para a nossa grande satisfação, a resposta foi muito acima do esperado. Recebemos 678 textos, escritos por pessoas de diversas formações e idades, vindos de diferentes cidades de cidades de diferentes estados brasileiros e de outros países.

Para dar conta da seleção dos textos, mobilizamos um grupo bastante diversificado de leitores, com ampla inclusão do corpo social de servidores da Decania do CFCH, o que, depois de duas rodadas de análises, levou-nos a um conjunto de 31 textos. Esse último conjunto foi submetido à rodada final de avaliação, que nos permitiu eleger dentre eles os cinco melhores.

Os textos que vão a seguir, todavia, devem ser recebidos menos como ganhadores de um concurso, e mais como uma coleção de exemplos do esforço humano de compartilhamento. Para os objetivos da nossa ação, importa mais valorizar esse compartilhamento como prática de civilização do que como construção de parâmetros de julgamento e disputa.

Ganhamos todos. Ganhamos porque escrevemos diante de nós, das nossas incertezas e dos nossos desejos. Ganhamos porque essas escritas circularam para além das nossas solidões e dos nossos medos. Ganhamos porque crianças, adolescentes e adultos de idades variadas escreveram a partir de si mesmos, para compartilhar com interlocutores que sequer os conheciam. Ganhamos porque (re)descobrimos a escrita como gesto de humanização que nos aproxima de nós mesmos e do mundo em que vivemos. Ganhamos porque preenchemos um tempo de perguntas com uma escrita de reflexão. Ganhamos a reafirmação do direito de sonhar com futuros.

Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Decano do CFCH

PRIMEIRA PARTE
TEXTOS VENCEDORES DO CONCURSO

COLHEITA

Thiago Luz

Depois de plantar nossos mortos, que tal colher nossos sonhos? Qual faculdade você quer mesmo fazer? Ainda há espaço para uma canção de amor em teu peito surrado por tempos difíceis? Vamos ao show do Caetano? Não, o Caetano não morreu.

Sabe quem mais não morreu? Antônio, o carteiro. Toninho para os amigos. Lembra? Quem sabe ele não te traz uma carta de amor. Tudo bem, as cartas de amor estão fora de moda, eu concordo. Todas as cartas estão fora de moda. Mas não custa nada sonhar, não é mesmo? Quem não tem sonhos?

Eu tenho sonhos. Você tem sonhos. Só os suicidas não têm sonhos! O menino que sonha com a menina mais bonita da classe, o agricultor que depois de um inverno rigoroso sonha com uma colheita farta para exorcizar o fantasma da fome, o assalariado que sonha com a casa própria, enfim, como disse Ferreira Gullar, “o sonho é popular”.

E qual o meu sonho? Não, eu não quero aquele carro branco igual ao do meu vizinho. Lembra de quando colocamos um ímã de geladeira sobre o capô? Enfim, um carro seria legal, mas não é isso. É um pouco mais complexo: eu quero voltar à rua pós-quarentena como quem chegou agora ao mundo, e saborear a grande novidade de estar vivo. Eu quero mais, entende?

Mais do que olhar o contorno, eu quero enxergar a profundidade. Mais do que saber o que é, eu quero sentir o que é: os prédios, os pombos, o céu, uma velhinha sorridente voltando da feira, um cão abanando o rabo à porta de um boteco, um menino empinando uma pipa, o mar... batendo... como há tempos não batia meu peito. Eu quero empatia. Eu quero poesia.

Depois de plantar nossos mortos, espero que possamos colher a nossa humanidade.

SOBRE O MOMENTO, A LÓGICA E O BOM SENSO: “apenas uma flor, capitão”

Samir Schneid

O meu argumento é CONTINUEM EM CASA. Este não é um texto científico. Até porque a ciência médica também tem os seus limites. E um deles é o senhor tempo. Nenhum cientista viveu até 2030 para analisar as estatísticas sobre as pessoas contaminadas, comparar com as não contaminadas, aplicar os testes e estabelecer as generalizações de que tanto precisamos hoje. Tão pouco invocarei o bom senso, porque precisamos tomar decisões sérias e rápidas. Porque precisamos correr, mas precisamos correr para o lado certo. E o bom senso pode nos enganar neste tipo de cenário.



“Em momentos críticos, o homem vê exatamente o que deseja ver.” Diz Sr. Spock, o vulcaniano, uma mistura de lógica e empatia, do seriado Jornada nas Estrelas, um dos poucos programas na televisão em Uruguaiana na década de setenta. A ciência médica tem nos ensinado uma dura lição há décadas: a premência de fazer algo, de tomar uma atitude, de usar o bom senso, nem sempre é o melhor a ser feito. Apesar dos franceses, há mais de trezentos anos, terem sido os pioneiros no uso da matemática para apoiar a tomada de decisão médica, lembrem-se das ventosas e das sanguessugas para tratamento de pneumonia; ainda na década de 80, durante minha faculdade, o referencial para a tomada de decisões era a fisiopatologia, ou seja, o bom senso. E fazia sentido, porque era o que tínhamos de melhor. Nesta

década, a medicina mudou. A forma de decidir mudou. Vejam por que mudou. Até então, se o doente vinha ao consultório e apresentasse muitos batimentos prematuros do coração, um tipo de palpitação, o médico deveria lhe receitar um antiarrítmico embasado no bom senso, pois os antiarrítmicos pareciam proteger os doentes com infarto agudo do miocárdio e com as mesmas palpitações. Pois vamos, então, aos números: foi iniciado um estudo justamente para ver se os doentes ambulatoriais com palpitações estariam realmente se beneficiando dessa intervenção. O estudo precisou ser interrompido logo no início, porque o grupo que tomava o antiarrítmico estava morrendo mais do que o grupo de tomava um comprimido “de farinha”, de placebo. Aqui nasce, para a medicina, uma outra forma de pensar. A chamada medicina embasada em evidências, em provas, as “evidences” do inglês. E essa é a primeira lição que a ciência médica pode nos ensinar nesse momento crítico. O bom senso pode iluminar, mas nem sempre ilumina o lado certo.

Mas se o bom senso não é suficiente e se a ciência não chegará a tempo, que vamos fazer? Outra verdade para o nosso momento é que a ciência não tem a resposta definitiva para tudo. E nem nunca terá. Até porque, para ser científico, o conhecimento precisa ser passível de ser refutado, segundo Karl Popper, o filósofo da ciência moderna. Se não puder ser refutado, deixa de ser ciência e passa a ser dogma religioso. E aqui é que precisamos “chamar pela mãe”, a mãe de todas as ciências: a Filosofia. A sociedade brasileira está em xeque. Por um lado, o coronavírus que mata pessoas no mundo inteiro, por outro lado a questão econômica ameaçada pela única saída lógica nesse momento: o isolamento social. Nós gaúchos sabemos que, apesar do susto, chimarrão não mancha. Se tiver paciência e não esfregar, o desastre seca e a mancha sai com um soprão. Filosoficamente, esse é o momento de definirmos quais são os nossos verdadeiros valores. Vejam se faz sentido aplausos para os profissionais da saúde que estão saindo dos seus lares para morrer por um sistema que não coloca o ser humano em primeiro lugar. Não há coerência nisso. Mas, então, vamos todos nós morrer de fome? É claro que não! Primeiro, todo mundo

para dentro de casa. Saímos da situação de xeque. Segundo, usamos a nossa razão, a nossa inteligência, análises de custo-benefício, para decidirmos quem sai, como sai e quando sai. A economia depende da nossa inteligência. Vejam quantas sociedades completamente destruídas se reergueram e nem demorou tanto assim. Vejam o Japão, vejam a Europa, vejam nossa vizinha São Lourenço do Sul depois do “tsunami”. Não percam as esperanças. Nós podemos! Mas precisamos continuar vivos.

E, para aqueles que consideram a razão pura incompatível com o afeto, resgatei outra frase do vulcaniano:

“Uma pessoa pode começar remodelando a paisagem com apenas uma flor, Capitão.”

COVID-19 – 28 mar 2020, sábado, 08h42.

DEVOTO PARA O FUTURO

Gustavo Fernandes

Olá! Você ainda não me conhece, eu sei, mas sempre te admirei de longe. Tomei coragem e resolvi escrever sobre esse sentimento estranho – misto de curiosidade e desejo – que me leva antecipadamente até você. Olha, não me entenda mal, não tenho nada contra meus tropeços de agora, nem minhas escolhas, conquistas e deslizes de ontem, é só um desejo pelo novo mesmo. Sei que tropeçar faz parte da caminhada. A gente aprende a andar caindo, e cair em si é um aprendizado incrível! Além disso, levantar é a manobra mais desafiadora da partida, e tentar outra vez nos traz a força de seguir andando... mesmo com tantas pedras no caminho. Mas o que passou, passou, e o que se passa, vai passar também. Sigo aguardando o dia de te encontrar de perto.

Mas calma, não se assuste! É só uma declaração de um admirador secreto que resolveu abrir o peito colocando pra fora as coisas que guarda por dentro. É uma carta pra me apresentar sem pressa pra chegar no tempo de lhe alcançar. Mas ansioso, sim, pra aproveitar tudo que teremos pela frente. Então acho que vale começar dizendo que sou um poço de esperanças, e um sonhador nato. Além de duro na queda.

Atualmente vivo um momento delicado da minha história. Nunca imaginei passar por isso, mas tudo aconteceu tão rápido que agora não tenho como voltar atrás. Não queria dividir meus dias com nenhuma delas, ambas me afligem profundamente, mas me rondavam sedentas pra entrar na minha vida. Acabei tendo que optar por uma, e escolhi aquela que me conquistou pela calma. Tá certo que ouvir outras referências de quem já as conhecia de tempos e lugares distantes, experientes nesse tipo de relação imposta, ajudou a tomar a decisão.

A gente muitas vezes não se dá conta de que está à beira de uma experiência nova que dá aquele friozinho na barriga, e, quando percebe, já tá mergulhado até o pescoço num abraço que traz segurança, e nos mantém fora de perigo. Eu achei cedo, mas a escolhida insistiu e se

impôs. Ainda nem nos conhecíamos direito, mas não perdeu tempo, se mudou de mala e cuia pra minha casa. Tomou conta de tudo com sua onipresença necessária, mesmo sufocante. Virou a minha vida de ponta-cabeça, e desde o primeiro dia entendi que veio como algo passageiro. Está aqui, dividindo o espaço e tomando conta das horas de uma rotina diferente que inventei pra gente. Virou a única saída pra enfrentar o mundo. Preciso dela agora, mas nossa relação nasceu com dias contados. E aqui entre nós... não estou apaixonado! Minha vontade é pular a cerca e voltar ao mundo lá fora. Mas estou comprometido com o isolamento nesse programa de proteção sem testemunha, pois juntos somos mais fortes!

E veja, tudo isso é melhor que a sensação que a outra me traz. O medo e a angústia. Mesmo com medida protetiva que a obriga ao isolamento compulsório, é difícil manter essa outra à distância. A “coroa” insistente cruzou o continente pra me tirar o ar, me tirar o fôlego pela vida. Circula atrás de pegar qualquer um, despudorada e sem crivo, mas dizem ser “mulher-fatal” com os mais velhos. “Viúva negra” oportunista. Parece que a coisa da quantidade é mais importante em seu jogo de conquista, e por onde passa deixa pessoas caidinhas presas em sua teia. Vive tentando me conquistar de longe, mesmo depois que prometi fidelidade ao meu laço atual. Pra ser sincero, não dei trela nenhuma! Nada de contato, mãos dadas ou boca a boca. Com essa aí eu tô fora! Quero distância!

Confesso que essa disputa delas me deixou incomodado. Não posso dizer que fiquei de ego inflado, pois no fundo não queria suas presenças por aqui. Acabei aceitando viver o que dava, como dava. Não queria só lavar as mãos pra situação... mas entendi que minha nova relação era justamente o que eu precisava pro momento. “É o que tem pra hoje”, e vida que segue. Trancado aqui te escrevo esta declaração de amor.

Na verdade, vim dizer que sonho com você e as suas possibilidades. Se estou preso ao presente em meu cárcere privado, assumo que até mesmo isso faço pensando em você. Em tudo que vamos viver depois. Pois a curiosidade que você me causa só não é maior que o desejo de te

encontrar ao vivo. O que guarda pra mim? Quando poderei conhecer todos os seus mistérios?

Não sei as respostas pra tudo, e não me cabe apenas imaginar, mas posso afirmar, convicto, o teor dos meus planos. Quero ser um novo eu mais preparado para as adversidades do mundo. Reconstruído com material sólido. Ciente de que na vida nem tudo são flores, e mesmo assim dá pra encontrar sua beleza por aí... seu perfume; e vou fazer tudo aquilo que sempre guardei no silêncio. Virar um escritor capaz de transplantar ao papel meus sentimentos mais profundos; entender que não preciso colecionar culpas e que mais vale juntar sorrisos. Me agarrar aos outros como hoje não posso, sem soltar nunca mais. “Ninguém solta a mão de ninguém”; entender que para se ter saúde não é obrigatório se ter saudade; e exercitar minha liberdade! Ser feliz nos passos de cada dia pois esse é o segredo: colocar mais alegrias na balança dos momentos para que no final a felicidade desequilibre tudo.

E que o período obscuro e turbulento do hoje fique no passado! risco – livre de qualquer suspeita; mas principalmente... para lograr, enfim, meu encontro com você, meu pretendente Futuro, seguindo juntos nas novas trilhas do desconhecido. Mesmo que chegando lá você mude de cara e reflita um novo hoje. Tudo bem. Tudo pra viver esse amor de mãos dadas... porque até isso vai ter outra graça diferente lá na frente.



MUNDO NOVO

Heriete Takeda

- *Sabe por que Deus faz os bebês tão lindos? Para eles serem amados. Eles precisam do amor para sobreviver.*
- *Ê? E por que Deus faz os velhos perderem os dentes e os cabelos?*
- *Ora, é muito fácil. Para as pessoas se desapegarem deles.*
- *Quer dizer que quando a gente vai ficando velho as pessoas vão deixando de amar a gente?*
- *Não sei se deixam de amar, mas deixam de enxergar. Parece que vamos ficando invisíveis.*
- *Então você é uma menininha. Enrugadinha e de cabelos brancos. Porque eu não tiro os olhos de você.*

...

Agora você está invisível. Eu sei que está aqui ao meu lado ouvindo as minhas sandices e rindo de mim, posso até sentir seus dedos atravessando meus cabelos despenteados pelo desespero. Mas eu não posso mais te ver.

Sempre tive medo do invisível. Do escuro, dos fantasmas, da solidão. Você ria do meu medo infundado, mas não sabia – nenhum de nós sabia – que nossas vidas seriam decididas por ele. O invisível pode ser Deus, o ar ou um vírus. Ele trouxe você e também o pouco que restava de nossos amigos. *Por quê?* - eu me perguntei todas as noites em que implorei para que me levasse também. Não tive respostas e muito menos fui atendida.

Hoje, finalmente, me libertaram: fim do isolamento. Já nem sei se quero sair dele. Foram tantas as manhãs em que acordei sem você ao meu lado. Tantas as tardes sem caminhar pelo bairro de braços dados com você, parando para cumprimentar os vizinhos, o rapaz do açougue, os cachorros que levavam seus donos pelas coleiras. E tantas as noites em que eu jantei só, desejando ver você e as crianças em

volta da mesa. Eu me acostumei, não quero recomeçar coisa alguma, não tenho mais idade para isso. Já fiz muito em aceitar a cuidadora que invadiu nossa casa para entoar a cada três horas a ladainha de que eu preciso comer para ficar forte, reagir pelos meus filhos e pelos meus netos. Pobre garota, acha que eu não sei disso tudo. Fala comigo como se eu fosse uma menininha (enrugadinha, de cabelos brancos, lembra?), olha para mim como se eu tivesse desaprendido as coisas. Não tem culpa, não é? Afinal, não posso caminhar sozinha, uso fraldas e às vezes esqueço as palavras. Mas o que ela não sabe é que a vida que eu vivi está toda dentro de mim.

Ceguei um dia ao absurdo de pensar que seria melhor que o invisível levasse todos os velhos deste mundo e nos colocasse num outro. Que bobagem, já pensou acordar num lugar de enrugados e rabugentos? E, pior: como seria **este** mundo sem nós?

Numa noite sonhei que o mundo não tinha mais velhos. Só eu, que ninguém enxergava. Crianças e jovens se movimentavam na claridade de um verão ameno de árvores verdes e floridas. Sem marrons. Eu me sentia muito bem, com aquele solzinho aquecendo meu rosto. Abri os braços, aspirei o ar perfumado e gostei. Gostei muito. Aspirei mais profundo. E mais. E mais. Queria sorver todo o ar para que ele nunca faltasse. Aos poucos, fui inflando, inflando e não conseguia mais parar. Virei uma bola flutuante e as crianças começaram a me dar tapinhas para me manter no ar. Eu rodopiava e ria. Era lançada ao ar e quando descia, uma mãozinha me mandava para o sol novamente. E eu rodopiava e ria. Rodopiava. Ria. Rodopiava. Aos poucos fui me cansando, queria tocar o chão, mas as crianças não paravam, não se cansavam. E as pessoas lá embaixo não paravam de se movimentar. E o sol continuava a pino. Eu queria descansar, dormir, mas o sol não cedia. Vi, então, que não haveria entardecer. E que o outono não existia mais. Nem o inverno. Fiquei apavorada, o ar começou a me sufocar e eu comecei a gritar, mas ninguém me ouvia. Nem me via. Eu havia me tornado ... invisível! Acordei aos gritos e dei graças a Deus quando encontrei a abençoada dor no joelho anunciando o frio.

Sim, já estamos no outono. Nós somos o outono. E este mundo novo precisará de nós.

Então, meu amor, decidi: vou parar de chorar. Hoje mesmo vou chamar a Marilene para arrumar meu cabelo, fazer minhas unhas e vou para a rua segurando no braço da menina cuidadora. Restou um mundo que já não pode perder mais nada. O inverno está chegando. Vou agasalhar cada filho, cada neto – nosso ou de quem for – com um cachecol de tricô e um abraço. Eles precisam do amor para sobreviver. E, se acaso perceberem o quanto é preciso ter vivido para saber o que é a vida, eu estarei aqui para contar o que aprendi. Não é o que me resta, é o que me cabe fazer por este mundo. O nosso mundo.

Por isso, me ouça. Nem sei se você continua surdo, mas preste atenção no que eu vou te dizer: não venha me buscar agora! Me espere um pouco mais.

A QUARENTENA E O TEMPO

Kíssila Muzy

Meus amigos têm reportado certo estranhamento com relação ao transcurso do tempo nesses dias de isolamento social e quarentena. Também leio a respeito pelas redes sociais, na forma de desabafos breves e memes. Pessoas estão sentindo o tempo passar mais rápido, apesar de supostamente distantes da correria da rotina diária; outros não sabem dizer qual é o dia da semana ou do mês; tem gente que prometeu fazer mil cursos on line, mas a falta de concentração não deixa. E eu sou a síntese de tudo isso.

Há quem afirme que o mundo pós-pandemia será diferente e que teremos que criar novos paradigmas e inaugurar um jeito de viver com novas aspirações e metas; numa perspectiva otimista, que as relações pessoais serão mais valorizadas, e, principalmente, que haverá um novo olhar sobre as relações de trabalho e a produção de riquezas. Creio que tudo o que tem sido profetizado passa pela reflexão sobre a nossa relação com o tempo antes e depois da COVID-19 e se o situaremos como protagonista ou aquele figurante que ganhou um cachê simbólico, tietou seus atores favoritos, levou o chapéu de brinde, mas teve a única cena cortada na edição.

Qualquer reflexão sobre o tempo nasce fadada a ocupar muitas páginas. Por isso, resolvi aceitar a estranheza e fazer dela uma aliada. A sensação de incômodo, portanto, continua aqui. Encontro-a quando acato a sugestão de olhar para dentro de mim, tão comum nos últimos dias, mas me limito a acenar e seguir em frente na busca de algum caminho que possa percorrer sem que a perturbadora sensação de distorção do tempo me afete. Antes do primeiro passo, porém, sempre pergunto a mim mesma como fazer para executar os projetos que rascunhei, ou pelo menos as tarefas mais simples que me proponho a realizar diariamente e que ficam retidas no âmbito da vontade, se quando eu dou por mim o tempo já foi.

Já pensei em guardar relógios de pulso e de parede bem longe das minhas vistas, talvez enterrar no quintal. Mas isso só funcionaria se, num movimento global, os humanos deixassem de contar a passagem no mesmo instante, já considerados os fusos horários do mundo todo. Ainda teria que lidar com a existência do celular, outro problema que, no contexto do isolamento social, também é solução. Porém, rasgar calendários, deletar aplicativos de agenda, bloquear qualquer tipo de aviso sobre os poucos compromissos que restaram está longe de ser uma atitude madura.

Ao mesmo tempo, flerto com a marcha à ré. Nada mais pertinente em dias parados que aplicar propostas dos movimentos *slow life*. Ou simplesmente internalizar que o *slow* pode vir a ser esse novo que estão preconizando. O problema é que isso não é fácil pra quem sempre viveu acelerando a si mesmo e esticando o tempo para que nele coubesse tudo e um pouco mais. Da noite para o dia não dá pra se transmutar numa pessoa menos *fast*. Talvez estejamos diante da derradeira oportunidade de aprisionamento do tempo para que ele mesmo se habitue a andar diferente.

Uma ajudinha do sistema seria boa: indústrias poderiam ser reconvertidas para produzirem alarmes que soassem cada vez que acelerássemos. Proponho um leve choque numa região desconfortável do corpo a nos dizer “amada, sobreviveste a uma pandemia, pra que sofrer pelo que nem é fundamental?”.

Não sabemos o que nos aguarda nesse novo mundo, mas não será como antes. As opções que me passam pela cabeça exigem muito mais do que uma guinada individual em direção a um tempo e espaço diferentes. Claro que há pessoas muito mais qualificadas para pensar e sugerir como o mundo poderá girar no cenário imprevisível que já está sendo desenhado para depois da pandemia. Sociólogos, historiadores, psicólogos, educadores e psiquiatras, mas também economistas, gestores e artistas, esses e todos os demais pensadores partirão de pontos de vistas referenciais para explicar o novo tempo. Desde já, podemos discutir com que equipamentos mergulharemos em águas de temperatura ainda desconhecida.

Então, não havendo como prever, e já que uma sensação de estranheza pode ser desconfortável sem ser exatamente ruim, vou tentando gostar do meu tempo de agora. Basta prestar atenção no que mais veio no pacote do medo e da angústia. Não preciso acordar de sobressalto com o despertador berrando ao meu lado – despertador que é o celular mesmo, esse aparelho que surge e se reafirma com o discurso de otimização da vida, mas que, olhando direitinho, é pura escravização e isso está mais claro. O trabalho é feito em casa e haveria muito o que dizer sobre o trabalho e o tempo quando podemos definir um cronograma e resume-se à palavra produtividade e, com os devidos cuidados, redução da exploração. Afinal, minha casa é minha fortaleza, tenho um pouco mais de poder aqui.

Quando saio de casa, excepcionalmente, não enfrento a frustração com o tempo perdido no trânsito intenso e ainda posso admirar as ruas e pensar que a maior parte do que vejo nelas é desnecessário nesse contexto de afastamento social. É claro que é bom encontrar pessoas queridas e também interagir com estranhos, mas é igualmente maravilhoso reparar nas árvores e outros seres agora destacados na paisagem vazia de humanos e veículos. A gente acaba prestando atenção nos próprios sentimentos ao perceber essas vidas que sempre estiveram ali. Fora que há uma nova canção a ser ouvida que (re)inclui pássaros e passos, e até o deslocamento do ar para os mais sensíveis. Tudo isso precisa ser degustado e essa apreciação quase contemplativa exige tempo.

Fica difícil traçar planos se tudo o que podemos desejar, por enquanto, é que exista um futuro. Aprendizados haverá, isso é certo. Para mim, o mais visível tem sido a revisão da minha relação com o tempo, começando por reconhecer e receber o incômodo que me atravessa e me força a procurar tudo o que está oculto, e que sempre fez parte do mundo apesar de proscrito das reflexões pela falta de... tempo.

SEGUNDA PARTE
TEXTOS FINALISTAS EM ORDEM ALFABÉTICA

A DIREÇÃO DO OLHAR

Flavia Lima Santos.

Olho e vejo
Tempos sombrios
Vidas ceifadas
Isolamentos, solidão
Sonhos interrompidos
Olho e percebo
Na empatia a resposta
para um novo dia.
Na distância o bem querer
a percepção e a preocupação
com o outro
no dia-a-dia.
A busca pelo equilíbrio
nos torna humano.
A sobrevivência valoriza
a vida,
o instante
e o agora
Olho e sinto
no amanhecer a esperança.
Um novo mundo há de surgir,
pois não seremos mais os mesmos.
Pessoas melhores, assim espero.
E que em breve
possa sentir o calor
de um abraço amigo
que palavra alguma
será capaz de descrever.
Tenhamos fé

AINDA NÃO É O FIM

Daiani da Silva Barbosa

O mundo não será mais o mesmo. Nós também não. O vírus escancarou as portas da realidade, chutou para fora o orgulho e egoísmo humanos, pisou nos rostos, passou por cima dos que o ignoravam, destruiu estruturas e planos, estraçalhou vidas. Não quis saber nossos nomes, o lugar onde vivíamos, se éramos ricos ou pobres, instruídos ou ignorantes. Entrou sem ser convidado, raptou aqueles que nos eram mais caros e os arrastou para a morte. Afastou-nos uns dos outros, afugentou e transtornou a todos.

Ao invadir o território, exibiu nas ruas a desigualdade, pôs para fora o que muitos não queriam enxergar, retirou as máscaras, revelou as verdadeiras intenções, apanhou certos tipos pelo colarinho e os exibiu em praça pública. Aquele que se dizia capitão, em sua loucura, acenava, sorria, subestimava e ordenava aos outros para irem ter com ele nas ruas para um ajuntamento, um aglomerado de infecção e insanidade. Para a morte. Dizia: “Enfrentem o vírus, não sejam covardes, reservem suas cloroquinas e venham enfrentá-lo nas ruas! Venham, atletas, não há o que temer! Não ouçam o que eles dizem. Eu sou o capitão, eu sei do que vocês precisam. Saíam, o Brasil não pode parar!”

Muitas pessoas foram até ele, não quiseram acreditar que lutar com o inimigo dessa forma era morte na certa. Não entenderam que era uma armadilha, uma emboscada para que o inimigo vencesse a guerra e dominasse o país. Quiseram acompanhar o falso capitão na esperança de selar acordos com o vírus, mas vírus não faz negócios, ele contamina e faz com que o infectado se torne aliado, contribuindo para a sua disseminação. Ele dizima. Os que não acreditaram tentaram alertar os outros, mas eles não quiseram ouvir e o vírus se espalhou, deixando milhares de pessoas com o hálito da morte. Enumeradas, elas foram arrastadas para as covas, abertas previamente para as receberem, em caixão lacrado e sem despedida.

O inimigo fez muitas vítimas, mas os soldados, com seus uniformes brancos, não descansaram. Lutaram no front por dias e noites, incansavelmente. Mesmo com as baixas, não esmoreceram, foram

em frente, honraram a memória daqueles que lutaram ao seu lado, combateram com bravura. Conforme a ofensiva se tornava cada vez mais contundente, o inimigo foi recuando, suas forças foram destruídas, ele abandonou o território, rendeu-se. O muro que por anos construímos ao redor dos nossos olhos, caiu, as paredes que nos dividiam, cederam e ventos de mudança sopraram sobre nossas vistas, rajadas que não condenavam à morte, mas enchiam de esperança. A maioria de nós demorou para sair das fortalezas, estavam com medo de que o inimigo estivesse escondido em algum lugar ou que fosse mais um estratagema do dito capitão, mas os soldados garantiram que tudo estava seguro e que todos poderíamos sair em segurança, que deveríamos ver tudo o que os campos de batalha revelaram. Que era necessário que fôssemos testemunhas e cooperadores nesta mudança.

O mundo foi transformado e todos tivemos que mudar junto com ele, não poderíamos mais fechar os olhos para tudo de ruim que tínhamos produzido e sustentado. Deveríamos refazer e consertar o que estava destruído. Então, antes de sair, examinamos nosso estado, olhamos nosso interior e colocamos em ordem o que estava bagunçado por dentro e que fora ainda mais chacoalhado pelos bombardeios diários. Feito isso, reconstruímos alguns laços que foram desfeitos, alguns bem antes da guerra, e, unidos novamente, rodeamos as cidades e pudemos, sem o filtro da mídia, ver a miséria, a violência, a intolerância e o preconceito, coisas que achávamos que não existiam mais, mas que sempre estiveram lá, sendo encobertas pelo muro.

Enquanto andávamos, avistamos milhares de pessoas que nem sequer considerávamos que existissem antes, elas estavam com o semblante triste como o nosso, pois também sofreram perdas, foram bombardeadas e feridas, mas, além disso, estavam famintas. Após a ronda, corremos até os nossos fortes e trouxemos tudo o que fosse necessário para que a luz dos olhos de nossos semelhantes voltasse a brilhar, para que recuperassem a esperança. Juntamo-nos a eles e em um despertar de consciência, lembramos que algo ainda precisava ser feito, juntamos nossas mãos, abraçamos as cidades, marchamos pelas ruas e exigimos nossos direitos. Lutamos pela justiça, pelo amor. Cobramos humanidade daquele que se recusava a aceitar que o muro já havia caído.

A LIBERDADE DA QUARENTENA

Bárbara Eufrazio

Fazia muito tempo em que eu não me sentia livre
Fazia muito tempo em que eu não me sentia abraçada
Fazia muito tempo em que eu não me sentia aconchegada
Fazia muito tempo que eu não valorizava
Não valorizava o café tão caloroso
Não valorizava uma longa conversa
Não valorizava um toque carinhoso
Não valorizava um abraço apertado
Não valorizava o tempo
Esse período em que fiquei isolada eu me conectei
Esse período em que fiquei isolada aprendi música
Esse período em que fiquei isolada li livros fantásticos
Esse período em que fiquei isolada viajei em meus pensamentos
Esse período em que fiquei isolada amei mais
Amei mais minha família
Amei mais o vento
Amei mais o sol
Amei mais os sons que só encontramos lá fora
Amei mais as nuvens
Amei tudo mais
Talvez agora a atitude diante da vida mude
Talvez agora a gente aprenda a realmente amar
Talvez agora a vida nos ensine a valorizar o que de verdade importa
Talvez agora as pessoas finalmente percebam que algo está errado
Talvez agora fique clara a preciosidade do tempo
Talvez agora o dinheiro mostre seu real valor
Talvez agora a perda nos ensine
Talvez agora a morte seja o professor
Talvez...

APESAR DE TUDO, FELIZ PÁSCOA!

Matteo Pupillo

Éramos felizes e nem sabíamos, disse alguém.

E nunca nos contentávamos com nada, estávamos sempre à procura desesperada da tal « felicidade ». Mas não sabíamos que a felicidade era o conforto de um cafezinho numa esplanada solarenga à beira do Tejo.

Não sabíamos que a felicidade era um passeio de mãos dadas.

Não sabíamos que a felicidade era um abraço apertado. Igualmente não sabíamos que a felicidade era uma festança, um almoço, um jantar - ou seja lá o que for - entre amigos.

Não sabíamos. Ignorávamos tudo.

Havemos de voltar a ser felizes.

Lisboa, 12/04/20

CONVITE 2020

Estela Albuquerque

Privados de liberdade
Num espaço exclusivo, por tanto tempo
Os mais recônditos comportamentos
Andam à solta pelos apartamentos

Coagidos por um agente
Infeccioso, diminuto
Que em nada se relaciona com alguma conspiração
Uns passam bem, outros de luto
Uns podem confinar-se, outros não

No 27: chateação pela viagem cancelada
Mas perto da esquina depois do posto
O tal pão de cada dia
Trouxe certa alegria
Depois de muito desgosto e queda de braço em Brasília

Seja na esquina, no sobrado ou no 27
Não passam despercebidos os efeitos da pandemia
Há quem case, descase, alfinete
Há quem dance, quem durma, quem peque
Cada um com sua idiosincrasia
Longe do contato humano
Inventa-se uma companhia

Seja na esquina, no sobrado ou no 27
Há quem leia ou atualize o *mindset*
Há quem faça ou assista *lives*
Na tão criticada *internet*
Curtir é só no *Instagram*
Fofocar, no *Facebook*

Pra não pirar na quarentena
TBT do novo *look*

O amigo imaginário
Ganhou vida novamente
O antigo escapulário
Saiu da gaveta, evidente
Pra pedir expiação do pecado
De ser prudente e fazer ao contrário
De tudo que diz o presidente

E quando acabar, o que será?
Há quem só pense na economia
Dos muros da própria empáfia
Desgoverna uma máfia
Que desconhece empatia
O pobre que sofre agora
Sempre sofreu, quem diria

E quando acabar, o que será?
Haverá placas com o aviso:
É permitido abraçar!
E as sirenes da polícia
Serão usadas pra reiterar
- Aglomerem-se, amigos
- É permitido passear

Lavar as mãos continuará
Sinônimo de sabedoria
Cuidar da terceira idade
É nada mais que reciprocidade
Com quem cuida da família

Beijos sem parcimônia
Máscaras só no carnaval

Economizar carinho, não
Não é nada cordial
Vai ser um tal de colo de vó
Churrasquinho e forró
Haja carvão e breja
Música sertaneja
Pra espantar a sofrência
Da saudade do xodó
Mas seria bonito mesmo
Muito bom de se ver
Que as pessoas entendessem
Que o bem que quero pra mim
Tenho que querer pra você

Que convivam na mesma cidade
O malandro e o mané
Mas ambos merecem ter
A justiça social
Essa construção moral
Que ensina que o normal
É cada um ter seu apê

Segurança alimentar
É o mínimo do respeito
Não inclui caviar
Mas todo mundo tem direito
A arroz, feijão e o pão
Pra ir trabalhar satisfeito

E por falar em trabalho
O certo é poder escolher
A profissão que combina
Com o que se ama fazer
Alfaiate ou engenheiro
Jornalista ou pedreiro

Artista, empresária, artilheiro
Poder viver da sua vocação
Espanta o trambiqueiro

O direito ao lazer
Solenemente ignorado
É importante dizer:
A todos é facultado
Cinema, show e museu
Praia, teatro ou bar
São todos indispensáveis
Pra saúde e o bem-estar

A saúde é uma dádiva
Mas também é obrigação
É uma responsabilidade
Que devia ser prioridade
Dos líderes da nação
Ninguém devia ter dor de cabeça
Por precisar de hospital
E correr o risco
De morrer por omissão

Por fim, não menos importante
A querida educação
Bom dia, boa tarde
Prontos para a lição?
Trabalhadores do mundo, uni-vos!
Se queremos mudar o mundo
Temos que ser assertivos

Pra abrir o diálogo
O mestre vamos chamar
Já dizia Paulo Freire
Sem amor não se pode educar

Agora muita atenção
O amor que ele fala
Não é uma abstração
O amor é uma atitude
Que a ninguém ilude
E acolhe a indagação

Eu começo perguntando
Sobre os tipos de escola
Porque algumas dão asas
E outras são como gaiolas?
Eu respondo, amigo
Porque se o pobre voar
Não tem pobre pra explorar
A mente livre é um perigo!

Na ensinagem do ABC
Eu carrego a esperança
Que a leitura do mundo
Seja fácil pra criança
E a leitura da palavra
Carregue em seu bojo a mudança

No mundo da escola
Tem muita pedagogia
Do compromisso, da solidariedade
Do oprimido e da autonomia
Mas o que eu desejo pro mundo
É que quando acabar isso tudo
Seja a prática da liberdade
A nossa realidade
E não mais uma utopia.

CORDEL DA COVID 19

Ricardo Evangelista

1

No cordel eu filosofo
Desse assunto extraindo
A Covid é o tema
Pois o povo está pedindo
O produto destes versos
De sextilhas vou cobrindo.

2

Na cidade de Wuhan
A metrópole da China
Surgiu nova pandemia
Sem que tenha uma vacina
Espalhando pela Europa
E chegando em nossa esquina.

3

Dos animais para humanos
Ocorrendo a transmissão
O mercado foi fechado
Para desinfecção
Assim o chinês agiu
No controle da nação.

4

Desfazendo a confusão
Explicando a epidemia
É COVID 19
Pois nesse ano que surgia
Não coloca mais nome
De cidade ou etnia.

5

Surgiu em animal na CHINA
O COVID dezenove
A OMS nos alertando:
Isolamento resolve,
A nossa vida em perigo
Agora a prova dos nove.

6

Tá matando português
Espanhol e italiano
Povo francês tá chorando
Norte e sulamericano
Está matando na África
Em todo lugar faz dano.

7

Quem vai na onda de pastor
Cai na grande falsidade
Oração te faz o bem
Mas não evita enfermidade
Faça logo isolamento
Pense em coletividade.

8

Tem muita gente morrendo
Tá morrendo muita gente
Morre gente quando o sol chega
Morre gente no poente
Não sei o que mata mais
O vírus ou o presidente.

9

Se não bastasse o governo
Omisso e um tanto boçal
No interiorzão de Minas
Parece tudo normal
Gente vai comprar sapato
Faltando leito em hospital.

10

Você que vai pra Paulista
E também que faz carreata
Mesmo sendo invisível
Sabendo que o vírus mata
Ricaço, classe média
E quem não tem prata.

11

Eu vou te dizer na lata
Vírus não é comunista
Jamais ele foi de esquerda
E nem é socialista
Volte pra dentro de casa
Não fique bobo na pista.

12

O que você vai fazer
Quando no caixão passar?
O que você vai fazer
Quando o amor infectar?
Pedir o ministro Guedes
Óbito para assinar?

13

Angústia e solidão,
Devem ser bem combatidas
Nossa rotina mudou
E mudaram nossas vidas
Levanta, troca o pijama
Vamos buscar as saídas.

14

O cordel que não é tolo
Está ao lado da ciência
É quem nos traz o remédio
Com ação de inteligência
Analisa, mede, explica
E demonstrando evidência.

15

E protegendo os idosos
E todas pessoas doentes
Lavar as mãos, o alimento,
Escovar roupas e dentes
Pensar em quem é mais frágil
Com os cuidados urgentes.

16

Isolado na sua casa
Milhões pela cidade
A criançada vai pintar
E com expressividade
Escrevendo poesia
Usa a criatividade.

17

Para aqueles sem casa
Sem abrigo e proteção
Exigimos outra atitude
Prefeitura faz a ação
E com morada e comida
Hora de ter compaixão.

18

É taxando a nossa elite
E toda grande riqueza
Política social
Agindo com firmeza
Salvando vidas humanas
Atitude de grandeza.

19

O cidadão faz sua parte
Evita aglomeração
Cada qual no seu quadrado
Mas de perto o coração
Sentindo aquela saudade?
Zap e comunicação.

20

Cuide dos seus e dos outros
E que desta vez se entenda
Para vencer a COVID
Nessa devastação horrenda.
Tempo de fraternidade
A vida recomenda.

21

Seja prudente patrão
Vírus tá enfurecido
Libera o trabalhador
Antes vivo que falido
Negócio a gente levanta
Não levanta o falecido.

22

Os cientistas pesquisam
Os vírus nos animais
Muitos tipos de corona
Geram doenças fatais
Mas essa é mais perigosa
Com poderes letais.

23

Devemos ouvir de tudo
Que dizem os cientistas
Tomar muito cuidado
Sem sermos alarmistas
Tratar com sabedoria
E não sermos derrotistas

24

Vamos dar informação
A verdade falar
Embasado na ciência
Pra não se contaminar
Esclarecendo o povo
Como se deve tratar.

25

O sistema sanitário
Deve estar mobilizado
Com as ações preventivas
Coordenada pelo estado
Médico e enfermeiro,
Profissional capacitado.

26

Com o aumento dos casos
Nós vamos revelar
Como se dá a transmissão
Como se propaga no ar
Por isso fique atento
Pra não se contaminar.

27

O vírus ataca o pulmão
Do ser já infectado
Quando a pessoa cospe
Todo ar fica inundado
Vai nas gotas do seu cuspe
Depois de ter espirrado.

28

Vírus contamina roupas
Vírus contamina mãos
Vírus contamina óculos
Vírus contaminaãos
Vírus contamina jovens
As crianças e anciãos.

29

Se a pessoa inala o vírus
Seu ataque tem vitória
Causa forte infecção
Na célula respiratória
Inflama os pulmões
Seguindo essa trajetória.

30

E quando ataca os alvéolos
Que estão dentro dos pulmões
Depois de tudo inflamado
Surgem as complicações
A pessoa quase não respira
Pra combater as agressões.

31

O paciente precisa
Do respirador mecânico
É quando o caso está sério
E com algum dano orgânico
Porém com a prevenção
Enfrentaremos o pânico.

32

Fechando nossa conversa
Com o verso da esperança
Eu repito fica em casa
Previne que não te alcança
Tempos ruins, desafios,
Antes de vir a bonança.

DE REPENTE, QUARENTENA!!!

Ricardo Valentim

E de repente estamos em isolamento em casa.

Nem me lembro ao certo o dia em que ele começou. Lembro que eram meados de março, as notícias sobre o aparecimento de casos de COVID-19 aumentavam e o governo decidiu pelo isolamento social da população. Estou quase no meio do semestre do curso de psicologia e não sei o que há de vir. As aulas continuarão ou perderemos o semestre? Outros projetos pessoais, trabalhos que estavam em andamento ou surgindo começaram a diminuir até pararem de vez com a adesão progressiva ao isolamento.

A rotina de acordar cedo, ir malhar e depois seguir para a faculdade na parte da manhã e à tarde trabalhar ou estudar dependendo da demanda foi interrompida. Ter que ir às terças para um outro curso que estava fazendo, as aulas de informática que dava, as massagens que aplicava, tudo se pulverizava. Foi mais do que a famosa puxada de tapete, porque numa puxada normal você coloca o antigo tapete no lugar ou compra outro tapete ou decide de vez que não vai ter mais tapete algum. Agora era diferente, não há opções. Há só o #fiqueemcasa!!!

A psicologia traz a ideia do sujeito construído pela movimentação de “placas tectônicas”, mas ninguém avisou que uma dessas placas poderia ser representada por um vírus. Naturalmente, não podemos perceber claramente a movimentação dessas placas na construção de nós mesmos. Mas para além do que se possa ver ou perceber, esse placa-vírus também não é visto, mas é em pouco tempo percebido pelo corpo, que numa rapidez sem precedentes se define e morre.

Um dos momentos que me foi mais dramático foi ver o Papa venerando o crucifixo da Igreja de São Marcelo. Crucifixo este que, segundo a tradição cristã, ajudou a combater a peste negra que assolava Roma em 1522. E que agora, quase 500 anos depois, é invocado novamente. Em mim pensei: o Papa não está exagerando? Comparar

o coronavírus com a peste negra? Mas depois entendi o recado. Esse também é o momento de pedir misericórdia, pedir perdão, ter compaixão, ter esperança. E mais do que tudo, pedir auxílio aos céus, porque o humano em sua materialidade não está dando conta.

Foram inúmeras as tentativas, pelo menos nas primeiras duas semanas em me adaptar. Várias foram as iniciativas de construção de uma rotina para não me sentir tão perdido. Mas elas se alternavam: ora simplesmente eu não queria fazer nada e ficava vendo séries e filmes, ora queria fazer várias coisas: ler, estudar, malhar, cozinhar, arrumar a casa,... Eram dois polos extremos que queriam dar conta de uma nova realidade, mas que na prática não funcionavam porque, sendo rígidos, se quebravam facilmente com a rigidez já presente do isolamento.

Ouvi em uma *live* no Instagram: “é porque perdemos nossos balizadores de tempo e espaço”. É isso!!! O tempo e o espaço tiveram sua correlação alterada. Entendi. Mas minha pergunta era: por que é tão difícil ficar em casa? Fui inocentemente ao Google para buscar resposta a minha pergunta. Em um blog li: “em nossa rotina diária, temos casa mas apenas passamos, não ficamos, e agora temos que permanecer”. Mas à frente também li: “na pressa, perdemos a capacidade de saborear”.

Sentir o sabor. A dificuldade de ficar em casa estaria ligada à perda da capacidade de saborear seu próprio lar. Era preciso permanecer, por exemplo, mais tempo tomando café para saborear a xícara, a mesa, a cadeira, a cozinha e, naturalmente, o café. Isso é lindo, mas não é fácil de colocar em prática. A princípio, estudar e trabalhar em casa permitiria esse movimento, uma vez não havendo os deslocamentos habituais a pé, de carro, de ônibus, de metro, de barca. Sobraria mais tempo livre. Mas a tendência era manter a lógica produtivista de preencher esses vazios com novas tarefas mantendo a dinâmica: mais afazeres, menos saborear.

Acredito que o isolamento é um momento de crise, e como toda crise, um momento de decisão. Diante do isolamento, o que fazer? Sucumbir ao não fazer nada ou ao fazer tudo, que também levam ao adoecimento? Ou tentar buscar meios de reagir, dentro do possível,

numa perspectiva de reinventar-se face a essa nova realidade? Continuo fazendo coisas, continuo trabalhando, continuo no convívio familiar que se torna bem mais exigente no confinamento, mas decidi ressignificá-los. Não basta mais fazer algo, é preciso experienciá-lo profundamente. Não tem mais sentido o objetivo prático da produtividade, do resultado. Afinal, ele é desumanamente superficial.

O isolamento nos chama para a mais desafiadora produção de nossos tempos, a ousadia do saboreio de si. Se saborear diz respeito ao que dá sabor, que gosto poderemos apreciar de nós mesmos? Um gosto amargo, salgado, azedo, extremamente doce?

Lembrei-me de um filme que já vi há algum tempo: *O tempero da vida*. A vida está repleta de especiarias das mais variadas, mas qual usar, qual a dose certa? O isolamento criou esse momento de estar dentro dessa loja de especiarias, que é nossa casa, capaz de avaliar quais temperos estamos usando, de perceber quais ainda não experimentamos e de pensar por que não experimentarmos novos agora.

Enfim.

Porque a vida continuará nesse entrelaçar de sabores com aqueles que buscam a beleza de viver.

(D)ISOLADO

Nalva Santos

Janelas fechadas.
Portas trancadas.

Muitos, de suas varandas,
Observam o silêncio que paira no mundo.
Mas eu não tenho varanda,
Moro nos fundos.

Aqui, isolado,
Só penso na falta que sinto de tudo!
Aqui, desolado,
Só penso...
Só falta...
Sinto tudo!

Em meio às paredes,
Trancafiado com a própria sombra,
Sobra a ausência de outros e
Eu me encho de mim mesmo.
Sobre mim aprendo,
E descubro que viver não está lá fora,
Mas aqui dentro.

Após as memórias de quarentena
Cada minuto,
Passado ou vivido,
Com certeza
Valerá mais que esse poema!

DORME QUE PASSA

Ceila Menezes

Talvez agora
O desejo
Seja de ser criança,
Com medo,
Com dor,
No colo de mãe,
Dorme que passa!
A dor sumia...
Quando tudo isso passar,
Que a gente possa
Retomar,
Valorizar,
O colo,
A mão,
Que nos ajuda levantar.
E neste momento de incertezas,
De medo,
Apreensão,
Possamos quem sabe,
Dar valor aos detalhes,
Que a vida corrida,
A rotina acelerada,
As teclas,
Os bytes,
Levam nossa atenção.
Quando tudo isso passar,
Quero matar a saudade,
Do colo de mãe!
Do quiabo com carne moída,
Do cheiro de café no raiar do dia.

Quando tudo isso passar,
Terá mais sabor,
Terá mais valor,
As estórias repetidas,
A leitura que já era esquecida,
A chamada que o tempo não permitia.
Quando tudo isso passar,
A amizade se fortalecerá,
E quem sabe,
A gente terá encontrado,
O verdadeiro significado,
Da palavra Amor!
Quando tudo isso passar,
Talvez tenhamos aprendido,
Que igreja não é templo,
Que Deus é Deus!
Nosso refúgio,
Fortaleza,
Abrigo!
Quando tudo isso passar,
Talvez a gente descubra,
Que a verdadeira riqueza,
Não é título,
Nobreza,
Beleza,
Mas,
Uma simples receita:
Amar o próximo,
Como a ti mesmo.
Quando tudo isso passar,
Uns terão ido embora,
Outros terão a chance,
Do abraço demorado,
O beijo,

O carinho,
O afago.
Quando tudo isso passar,
Talvez tenhamos aprendido a lição,
O amanhã a Deus pertence,
Por isso repare,
Não tem rico,
Não tem pobre,
Não tem preto,
Não tem branco,
Não tem velho,
Não tem jovem,
Não tem menino,
Que sobreviva,
Ao vírus do egoísmo.
Quando tudo isso passar,
Vamos valorizar,
A família,
Nossos idosos,
A escola,
Os profissionais,
Nosso lar.
Quando tudo isso passar,
Verá que dinheiro não é tudo,
E que na maioria das vezes,
A vida é um jogo,
De interesses particulares.
Que sobretudo,
Será você e Deus,
E o colo de mãe!
Dorme que passa!

EI! O QUE HOUE?

Maria de Fátima Bardano

- Ei! Olha isso Airam, olhe aquele planeta, Terra acho, está mais azul. O que será que houve?

- Peraí, já estou indo Amitaf. Ih! É mesmo, está diferente. Temos de saber o porquê. Vamos ligar nossos instrumentos para tentar descobrir.

- Ok, ligando detectores de movimento e escuta.

- Olha Airam, tem um monte de cidades desertas ou quase desertas, praças, ruas, parques, praias, onde estão os seres humanos? Para onde eles foram? Temos de pesquisar com instrumentos mais possantes. Vou ligar nossos detectores infravermelhos para fazer uma pesquisa mais acurada do que está havendo por lá. Veja... as pessoas estão em casa! Temos de aprofundar nossa pesquisa.

E assim, depois de uma minuciosa pesquisa, num intervalo de tempo de poucos “wogs”, os amigos viajantes interplanetários puderam enfim ter um retrato do que se passava no planeta azul chamado Terra e ficaram surpresos.

- Airam, olha o que descobri! Um vírus muito contagioso, que ao que parece “saiu” de um laboratório de pesquisa, mas isso nem mesmo os humanos sabem ainda ao certo, começou a infectar pessoas por todo o planeta. Nos registros o início desse contágio foi num país chamado China para depois alcançar praticamente todo o resto do planeta.

- Mas como se deu esse contágio tão grande Amitaf?

- Foi através dos fluídos líquidos dos seres humanos, ou seja saliva e fluídos corporais expelidos pelo espirro, tosse ou qualquer forma que fizesse com que o vírus, que eles chamaram de COVID-19, entrasse pelas mucosas na outra pessoa.

- E existe alguma forma de cura?

- Não, por enquanto eles estão estudando, mas só descobriram que tem de redobrar o cuidado com a higienização das mãos, principalmente, e dos locais onde os humanos tocam.

- E o que eles estão fazendo?

- Os que podem ficam isolados em casa. Outros que necessitam sair buscam formas de proteção usando máscaras e, às vezes, até luvas.

- Tá, mas o que isso tem a ver com o planeta ter ficado mais azul?

- Com milhares de pessoas em casa os países mais poluidores desaceleraram as suas indústrias e reduziram consideravelmente o uso de carros, fazendo com que a natureza respirasse melhor. O ar ficou mais puro, rios, lagos e mares mais limpos e transparentes, já que também não estavam sendo usados pelos terráqueos.

- Mas pela essência do povo desse planeta isso não deve perdurar, você não acha?

- Confesso que não sei! Pesquisando o que aconteceu observei o comportamento das pessoas em diversos cantos do planeta. Descobri que muitos reaprenderam a olhar o outro com mais carinho e atenção. Pais agora brincam com seus filhos, já que estão confinados. Que também aprenderam a importância das escolas, já que estão tendo que ensinar pela ótica dos educadores que estão enviando, por meio de um canal que eles chamam internet, as lições que deveriam ser dadas presencialmente. Com isso esses mesmos pais estão descobrindo que a função da escola é ensinar, e assim estão valorizando ainda mais os professores. Aprenderam também que é deles a função de educar e construir o caráter de seus filhos. Famílias também estão mais próximas, mesmo que isoladas em suas casas. A saudade faz milagres! Talvez até os mais ricos venham a perceber que o dinheiro de nada representa num momento de fragilidade do sistema de saúde, que tem de atender a todos independentemente de sua classe social. A necessidade de doação de um para o outro é o maior bem que eles podem ter agora.

- Acho que você está sendo mais sonhador que os terráqueos Amitaf, já passamos por aqui em muitos “wogs” diferentes e sempre observamos eles voltarem a agir de forma egoísta mesmo depois de uma grande catástrofe natural ou uma provocada por eles mesmos. Talvez seja a essência deles, infelizmente imutável.

- Mas será que eles não tem direito a redenção? Será que nesse momento do planeta deles, quando tantos estão com medo, quando

ocorram mortes, mesmo que não sejam em número tão grande como em outras ocasiões, mas que os tornaram mais frágeis em função desse inimigo chamada COVID, que não tem um alvo certo e pode chegar em qualquer um em qualquer lugar bastando um descuido, não os farão mudar, repensar?

- O que eu vejo agora é que o planeta está agradecendo, mostrando que, se bem tratado, ele volta a ser um lugar melhor, sem uma perspectiva de esvair todo o seu potencial. Está mostrando aos terráqueos que eles têm de repensar a sua forma de existência. Se isso vai evoluir para um novo posicionamento, não sei. Espero que sim, que esses habitantes de uma casa tão bonita como é esse planeta revejam sua utilização. Que eles possam também repensar suas relações e sua forma de viver e compartilhar a vida de uns com os outros, olhando o outro de uma forma mais humana.

- Infelizmente não podemos fazer nada, Amitaf. Temos agora de retornar para casa e registrar o que observamos, somos observadores das galáxias, não podemos interferir na vida dos planetas. Na próxima expedição, daqui a alguns “wogs”, vamos ver como estará esse planeta, se ele ainda existir!

- Certo, Airam, vamos acionar os propulsores da nave para o retorno, mas fico com a esperança que esses terráqueos irão fortemente aprender com esse momento de medo. Suas relações sociais serão diferentes e mais fortes, sua união mais consolidada. Pais e filhos verão que o isolamento trouxe a descoberta do que é em essência uma família, do que é amor. Sairão mais fortes e talvez mais unidos, e esse planeta azul estará ainda mais azul quando passarmos por aqui de novo.

FÔLEGO

Jonatan Magella

A senilidade ainda não o fez esquecer: quem vive e quem morre é decidido por meros detalhes. Por exemplo: ele, Domingos, está saindo do hospital. Vivo e com a filha à retaguarda. Mas sabe, por informações virtuais, que seus amigos nem conseguiram entrar em um. Coitados. Estão perdendo a guerra contra o ar, porque não tiveram acesso à rede de saúde. Nem a uma filha bem sucedida.

O sucesso da filha, claro, foi decidido nas minúcias: ela, aos dezesseis anos, chegou em casa dizendo que queria fazer uma prova. Sempre fora diferente das outras crianças, mas agora essa diferença custaria cinquenta reais para a inscrição. Os amigos de Domingos disseram: bobagem, homem, bobagem, dinheiro mal gasto, um galo dá pra uma cesta básica. São esses amigos que agora estão nas calçadas à espera de respiradores. Mas Domingos não os culpa. Pelo contrário: sente-se, em parte, mal por ser o único da rua a ter um bom atendimento. Porque a filha passou naquela prova. E depois em outra, em outra e em outra, foi morar numa rua melhor, e agora passou, junto com o pai, pela maior prova da vida dele: não morrer sem ar, já que o ar não queria mais entrar no nariz dos velhos.

Na porta do hospital, havia um táxi à espera. Não existe mais o costume de manter vidros fechados. Domingos não gosta do vento frio de inverno que entra. Arde a pele, como o vento cortante no nariz ou como a brisa do mar depois da insolação ou o vento parece uma faca invadindo os poros. Mas Domingos resiste. Agora, com seus pulmões praticamente curados, sente até vontade de fazer uma travessura.

Podemos parar na praia, filha?

Ainda não, pai. Acabou a pandemia, mas elas estão fechadas pela última semana. Mais uma semaninha e você vem mergulhar.

Tudo bem.

Semana que vem eu trago o senhor, diz a filha, a melhor filha que se pode ter.

O carro contorna um quarteirão residencial, bonito e cheio de árvores frondosas. Domingos vai ficar no quarto de hóspedes. Não dá para morar sozinho, ainda está se recuperando. Ele resistiu, como de praxe, mas torcendo pra filha não mudar de ideia. Ela estará sozinha em um quarto, ele no outro: a solidão compartilhada é menos dura. Pior é a solidão de seus amigos: à porta do hospital, sem família, sem médico e sem ar, que não queria entrar no nariz dos velhos.

Na porta de casa, ainda de máscara, Domingos respira fundo. Talvez seja a primeira vez em semanas que consegue preencher o pulmão todo. É com prazer que percebe o ar passando pelas narinas, traqueia, brônquios e bronquíolos. O ar está lá dentro, depois de negar-se por semanas. Outra travessura passa pela sua cabeça: prender o ar nos pulmões. Não deixar que saia. Sim, agora que a vida vai voltando ao normal, que as pessoas começam a circular novamente para suas frivolidades tão prazerosas, será a vez do ar ficar em quarentena dentro dele. Será a vingança dos velhos: se Domingos foi internado, se precisou ficar isolado durante a pandemia, foi por falta de ar; ou melhor, o ar estava disponível, tinha ar no mundo, ele só não queria entrar no nariz dos velhos. Agora Domingos iria dar o troco: castigaria o ar com isolamento social.

Mas a política extremista durou só alguns segundos. Começou um princípio de vertigem e ficou tonto. A filha, preocupada, quis saber o que houve. Nada, querida. Vamos para o quarto.

Além da cama grande, onde se deitou, e da mesinha de madeira, onde fez quatro boas refeições, havia uma janela enorme. Ali tomou o sol da tarde, sentindo o espaço um pouco mais arejado. Havia também acesso a uma televisão com canais de esporte, onde assistiu a volta dos treinos dos jogadores, e um bom sinal de wi-fi, para ter notícias. Mas, embora a filha viesse de hora em hora saber se estava tudo bem, a solidão era dolorida. E essa solidão vinha acompanhada de uma sensação de impotência. Para passar tempo, retomou a travessura: aprisionar o ar outra vez. Depois de treinar, não dava mais vertigens e ele sabia que o ar estava sofrendo no gris viscoso de seus pulmões. Era uma declaração de guerra ao ar que o submetera à internação.

Foi aí que chegou ao seu celular a confirmação: mais dois amigos foram infectados e ainda não tinham conseguido um hospital. Mesmo no final da pandemia, a uma semana do término da quarentena, quando Domingos já planejava ir à praia e tomar cerveja – eis aí os planos do velho que possuía como maior patrimônio o tédio dos dias - os últimos doentes ainda sofriam. Domingos decidiu mudar de estratégia, fazer imediatamente algo pelo mundo: nem bem preenchia os pulmões com ar, libertava-o o mais rápido possível. Era só um detalhe, imperceptível à sua querida filha bem sucedida, mas quem sabe o ar entendesse o pedido de trégua, a bandeira branca, o pacto de não-agressão oferecido por ele, Domingos, o representante dos idosos. Quem sabe o ar se sensibilizasse e voltasse a entrar no nariz dos velhos.

HUMANOS-BORBOLETA

Rebecca Reina

Calma.

Tudo vai passar.

As coisas não voltarão a ser como antes,
mas isso não é ruim.

Vá dormir,
finalmente.

Você sempre quis se desligar de tudo.

Não se preocupe,
o mundo ainda estará aqui quando
você voltar,
mas melhor.

Tudo será novo.

Se encha de esperança,
força,
garra.

É a resiliência posta à prova.

Somos um,
não se esqueça disso.

Vai (,) sarar.

Será um novo despertar.

O casulo não dura para sempre.

Quais serão suas novas cores?

LEMBRA?

Sandro C. Rocha

Lembra quando tudo era alegria?

Que no domingo com a família íamos ao parque brincar,

Ou na casa dos parentes chegávamos para visitar,

Tudo era alegria antes da Pandemia chegar...

Lembra?

Quando felizes as crianças voltavam da escola,

Ficavam na rua jogando bola, brincando sem ter hora

Para voltar, alegria de correr, dançar e pular,

Hoje só fica na memória tudo isso era vitória,

Antes da Pandemia chegar ...

Lembra quando nas reuniões de família,

Todos ficavam ao celular? Mal sabiam o que estavam perdendo,

Por causa do entretenimento, muitos abraços deixaram passar,

Agora estão em isolamento, com saudade daquele tempo,

Em que não se pode voltar, tudo isso antes da Pandemia chegar ...

Lembra quando o depois era comum nos relacionamentos?

Como se o amor pudesse adiar,

Hoje sentem falta um do outro, cada um isolado em seu lar,

Sentem falta do conforto, do amor que deixou passar,

Os amantes arrependidos, por não terem sido afetivos,

Antes da Pandemia chegar ...

Por ora me despeço, com aperto no coração,

Por não poder abraçar o mundo, tirar o vírus com a mão,

Mas na certeza de que quando tudo isso passar,

A única palavra que quero me recordar é Lembra?

LIÇÕES DE UM VÍRUS

Tatyana Marques de M. Cardoso

A COVID-19 chegou em nossas vidas para nos fazer refletir. Quem somos? Que futuro esperamos? Como reagir ao vírus e superá-lo? A resposta para estas questões nos faz mergulhar em nosso mais profundo íntimo, permitindo-nos fazer uma imersão profunda em nosso eu. Quem já participou de roteiros espirituais já passou por uma experiência bem semelhante, pois, nesses lugares você se conecta com você mesmo e com o cosmos, com a natureza, com o espiritual. Em períodos de quarentena como esse que passamos a vivenciar, a reflexão tomou conta de mim e o primeiro sentimento que veio à tona foi a insegurança, depois o medo e, em seguida, a angústia. O que fazer com esse misto de sensações que nos permeiam a todo instante, cada vez que somos bombardeados com informações diárias que aumentam a nossa adrenalina, acelerando o nosso coração e as nossas atividades cerebrais? Em tempos de coronavírus, precisamos nos reinventar, recomeçar, sem temer, pois, o medo paralisa e, se ficarmos paralisados, seremos derrotados pela COVID-19.

O vírus desconhecido, ao mesmo tempo que fechou fronteiras, abriu novos caminhos e novas possibilidades de olhar. Olhar para o mundo dos invisíveis, dos desiguais, daqueles que não têm onde morar, o que comer, o que receber, que habitam morros e ruas da cidade, sem ter acesso a itens primordiais para viver. Tudo isso nos faz pensar em quem somos, no que estamos fazendo hoje para deixarmos de legado para as futuras gerações. Fez nos colocarmos no lugar desses milhares de desconhecidos, que vivem em situações de extrema pobreza, sem qualquer tipo de amparo. Conhecermos quem somos faz toda a diferença na construção de um mundo melhor e na maneira com que vamos lidar com essa pandemia.

Em primeiro lugar, devemos ser positivos. Com pensamentos positivos teremos mais força para superarmos o desconhecido. Essa positividade pode ser a chave para não nos deixarmos ser contaminados

com tantas notícias ruins e negativas. Devemos olhar para as janelas da alma, deixar o sentimento de solidariedade, afeto e empatia adentrar os nossos corações pois, juntos somos muito mais fortes e capazes de derrubarmos o vírus.

Em segundo lugar, nos daremos conta que velhos hábitos de nossa rotina diária serão totalmente revisitados. Se antes não havia tempo para nada e nem olhávamos ao nosso redor, passando batido por vários moradores de rua, vizinhos e tantas outras coisas, hoje tudo isso mudou e tem um novo valor. Creio que essa mudança veio para melhor. Ao mesmo tempo que as tecnologias de informação e comunicação crescem e são constantemente atualizadas, revolucionando o mundo, elas estavam deixando muitos de nós ilhados no mundo digital, sem contato físico, sem o calor humano, sem a troca de afeto, do olho no olho, do diálogo. Vivíamos em uma bolha, conectados uns aos outros sem qualquer tipo de laço, vivendo relacionamentos voláteis e puramente fulgazes. Se antes faltava tempo, agora temos tempo de sobra. O próprio tempo nos deu mais tempo para pensarmos as nossas relações sociais, pensarmos no hoje e no futuro que queremos alcançar. O mundo será diferente. Já está mudado. As transformações no mundo aconteceram diante de um susto, que surgiu em meio ao caos para nos regenerar. O mundo se revoltou contra todas as nossas atitudes, o nosso egocentrismo, o nosso consumismo exacerbado, o desperdício e tantos outros atos desprezíveis que estavam destruindo o nosso habitat natural. A conta pelo alto preço que estávamos pagando chegou mais rápido do que havíamos imaginado. Ou a gente muda ou o planeta será implacável. Se continuarmos a destruir o que temos de melhor, ou seja, o ar que respiramos, as águas que nos banham, os seres que habitam nosso mundo e promovem o equilíbrio natural, seremos sim, derrotados e não haverá futuro, muito menos, presente.

Quantos pecados cometemos? Além dos sete que já conhecemos, como a gula, a avareza, a inveja, a ira, a soberba, a luxúria e a preguiça, podemos listar outros mais para a nossa conta. O tanto de dinheiro público que foi desviado para contas milionárias em paraísos fiscais, os roubos e homicídios cometidos, a corrupção instalada nas três

esferas do poder, a falta de compaixão e de humanidade com o próximo, a destruição da natureza, tudo isso é fruto de uma sociedade sem piedade, fria, egoísta, que visa o lucro e a vantagem a qualquer custo. Todas essas atitudes deverão ser revistas, se quisermos evoluir e vencer essa guerra, que, hoje, é contra um vírus, mas, amanhã pode ser contra um novo elemento.

Em terceiro lugar, o futuro é de todos nós, assim como essa guerra contra a COVID-19. A tempestade pela qual estamos passando nesse momento pode ter fim e terá. O que mudará é a forma com que vamos lutar e reagir para superar o vírus invisível. Esse final feliz que tanto desejamos pode demorar ou pode ser passageiro. Isso tudo vai depender do nosso envolvimento, do que estamos fazendo para alcançarmos a solução e vencermos juntos essa batalha. Cada um de nós deve fazer a sua parte. Ficar em casa e seguir à risca a quarentena é para o bem de TODOS. Essa prática já é um passo para a cura desse mal. Independentemente de cor, religião, credo e condição social, todos nós podemos ajudar. Basta ter força de vontade e agir. As respostas já estão a caminho. Uma rede de solidariedade já toma conta do mundo, seja através de doações de produtos de limpeza, de alimentos, de equipamentos de proteção individual, de afeto, de pesquisas em busca de uma possível vacina. Nesse sentido, as redes sociais nos ajudam a ampliar e disseminar diversas ações promissoras.

Como diz Lenine, em sua música, “a gente espera do mundo e o mundo espera de nós [...]”. O mundo espera de nós mudanças. Tenhamos paciência e mais consciência de nossas atitudes e que o fortalecimento de valores como solidariedade, empatia, sustentabilidade e responsabilidade prevaleçam e nos una cada vez mais.

MORTE E VIDA DO AMOR NOS TEMPOS DO VÍRUS

Nilza M. Santos

Aos céticos olhos nus invisíveis,
Ergueram-se megalópoles incríveis.
Sob o nariz hegemônico de nações,
Despertou uma força desconhecida;
E o futuro do tempo presente
Chegou, mas chegou doente,
No dorso contagioso do vírus...

E a velha distância entre nós tornou-se lei, portanto, atroz.
E o abraço frouxo ou apertado, o beijo de fé ou molhado,
As mãos entrelaçadas no parque,
Pela lei do contágio, agora crime e pecado.

E cada face se tornou suspeita;
Em cada esquina o monstro espreita.
Invisível, reinando sobre superfícies,
O vírus. Livre de complexas estruturas,
Simples, fatal e imune;
Do dia para a noite ergue necrópoles
E festins de morte promove impune.

E o diabo, matreiro, rindo-se das estatísticas,
Deita na avenida vazia, sacudindo as pernas, galhofeiro.
Desde Wall Street às colinas de Golã;
De Guayaquil ao centro de Wham
O vírus. Infectando o ar, prendendo o mundo, em prisão domiciliar.

Nos shoppings escuros, fantasmilhas brincam de ecoar uivos;
Na minha rua estarecida brotam
Florinhas ordinárias do asfalto duro
Olhos amedrontados espiam pelas janelas, pelos muros,
A estranha nova ordem da existência, a virulência.

Na metrópole vazia, meu pensamento atravessa a noite
E pela noite passa, misterioso, o vento, num açoite.
Vejo as luzes pacientes nas janelas de um hospital
Na metafísica de cada dor, única e pessoal,
A totalidade cósmica da dor universal.
No frescor da noite absorvo o ar,
O ar que cada peito ofegante busca.
Sinto a ânsia em cada ser contida,
E sinto a estupenda fragilidade da vida.

E a moderna cidade, desigual e festiva,
Se fez melancólica e reflexiva,
Como a escultura que vela um jazigo.
A cidade por onde vaga minha alma subversiva,
Compondo para o crepúsculo da minha espécie
Um poema pálido, um epitáfio antigo.

Mas cientistas e poetas sonham, e nos sonhos sabem
Que a elegia que a Natureza canta,
Que as lágrimas que a Natureza chora,
Na noite sombria da diáspora, germinarão uma nova planta.
E já ao longe, quase imperceptível ainda, se avista,
De um novo mundo, uma nova aurora.

O ATO DE SONHAR

Isabela Pessoa

Eu achava que não conseguia escrever um texto que se remetesse ao futuro, por me considerar uma pessoa melancólica demais para isso. A minha escrita sempre se remeteu mais aos meus sentimentos do presente em relação a situações passadas. Eu uso a escrita como forma de reflexão daquilo que eu já vivi ou estou vivendo, como forma de colocar em palavras o que eu estou sentindo no exato momento. Por isso, imaginei que nem conseguiria escrever algo que falasse sobre um período futuro. Acontece que, um dia desses, eu estava justamente pensando nisso, nessa incapacidade de escrever para o futuro, quando eu me peguei me questionando sobre ela. Por que a escrita do futuro não é tão aguçada em mim, mesmo eu sendo tão sonhadora? É, porque sim, eu sou muito sonhadora. Eu gosto de imaginar, de sonhar sendo o sonho no seu sentido mais puro da palavra. O sonho é uma fantasia, uma vontade absurda, uma ideia pensada com paixão; e paixão é algo que nunca me faltou. Por essa razão, mesmo em tempos tão difíceis como agora, eu resolvi tentar resgatar os meus sentimentos sonhadores. Isso significa sair da minha zona de conforto, tentar provocar em mim um novo tipo de escrita. Portanto, esse texto é, antes de tudo, um desafio.

Talvez seja preciso começar falando sobre essa vontade perdida de sonhar, que me faz escrever pouco sobre projeções. Acredito que seja, indubitavelmente, por causa das aflições cotidianas às quais todos nós somos expostos todos os dias durante a nossa rotina. Temos que ser rápidos, ágeis, voláteis e produtivos ao máximo. Não se pode deixar a peteca cair: não se pode deixar de entregar um trabalho, de cumprir uma responsabilidade, de faltar um compromisso. Temos que estar presentes a todo o momento realizando as nossas tarefas diárias. Somos cobrados, pressionados, exigidos. Onde fica o tempo para sonhar num mundo em que não nos dá um minuto de sossego? Para sonhar, é preciso de tempo. Chego a essa conclusão a qual começa a fazer todo o sentido para mim... A escrita sempre me foi uma forma

de vomitar as palavras quando as sinto me sufocarem. Eu escrevo porque me sinto esgotada e através da escrita os sentimentos ganham sentidos próprios, formas e cores melhores do que somente dentro de mim. Num mundo em que não nos dão tempo para sonhar, nos sobra tempo para produzir angústias.

Mas agora, ou melhor, desde o dia 16 de março, estamos em quarentena devido a pandemia do coronavírus. Quarentena significa que devemos ficar isolados socialmente, as saídas de casa devem ser feitas apenas quando forem de máxima necessidade. As atividades rotineiras pararam. Não tem mais ida ao trabalho ou estágio, o comércio fechou, as universidades pararam, as escolas pararam; começa-se um grande movimento para que todos (ou, pelo menos, todos aqueles que puderem) fiquem em casa. A partir disso, iniciou-se uma nova jornada, um novo paradigma para cada um de nós. Aqueles que possuem o privilégio de ter uma casa, como eu, e que partilhavam dessa vida corrida comigo, agora estão podendo fazer de suas casas um lar. É, porque, normalmente, uma casa não é um lar. Muitos, na verdade, a maioria, têm suas casas apenas como um local de dormir: chegam tarde da noite, jantam e descansam. No dia seguinte, acordam, por vezes, até antes do Sol nascer e já saem rumo às suas ocupações. Com essa nova conjuntura, estamos podendo habitar as nossas casas de outro modo. Estamos podendo habitar os nossos próprios corpos de outro modo. É certo que, independente de como, estamos nos reinventando. Estamos podendo fazer isso justamente porque nos deram aquilo que mais nos tiravam: tempo. Com a disponibilidade de tempo, há a possibilidade de sonhar.

Sonhando, aqui, enquanto escrevo, reflito sobre o que eu quero pós-quarentena. Confesso que sou tomada por pensamentos diversos, contraditórios, simplistas e complexos; por uma enxurrada de sentimentos que é difícil domar, que é difícil até mesmo sentir. Não posso dizer que quero que as coisas voltem a ser o que eram. Nós nos reinventamos, isso é fato, não há de voltar a ser o que era e, por um lado, que bom que não. Que bom, porque poderemos fazer com que seja melhor. Poderemos nos pegar agradecendo por coisas que, há uns

meses, sequer dávamos importância; como poder ir a praia, andar de bicicleta, sentir o Sol na pele. Sentir pele com pele num abraço, poder dar as mãos num cumprimento e beijar as bochechas uns dos outros. Eu sei que nós sempre soubemos que gostamos de fazer isso tudo, mas digo que nunca demos importância para a condição de sermos livres para podermos agir e interagir sem colocar as nossas vidas e as vidas dos outros em risco - essa liberdade já nos era dada. Agora, que foi tirada, quando pudermos novamente contemplar e apreciar a presença de um outro alguém em qualquer lugar que quisermos, ah, isso vai ganhar outro significado completamente diferente de outrora. Teremos mais noção do quanto um encontro é potente; do quanto estar em contato com o mundo e o simples ato de poder descobri-lo com os nossos cinco sentidos é transbordamento de vida.

Acho que o que eu quero pós quarentena é exatamente isso: transbordamento de vida. Transbordamento nos mais múltiplos jeitos, em todos os aspectos da vida. Que possamos viver nos transbordando e não mais nos comprimindo; que possamos sentir o valor de valorizar a vida.

O LENÇO DE CÁSSIO

Renato Massari

Começava a tarde de domingo e não chegava a fazer calor. Metade de março já tinha ficado para trás, o supermercado estava bem vazio, o que seria até normal, pois há tempos os rendimentos de muita gente acabam antes do fim do mês. A normalidade, porém, era só aparente. Vários caixotes plásticos abarrotados de mantimentos se empilhavam nas proximidades do elevador que dá acesso ao estacionamento. Em contrapartida, muitas gôndolas acusavam a falta de produtos. Enlatados? Havia ainda uns poucos. Macarrão instantâneo? Alguns pacotinhos. Álcool em gel? Nem pensar. Sem dúvida, os moradores daquele bairro da zona sul do Rio de Janeiro estavam estocando o que fosse possível em casa, antevendo os tempos sombrios que se avizinhavam com a chegada da COVID-19.

De repente, enquanto empurrava meu carrinho de compras, vi um lenço caído no chão, perto da peixaria. Era um lenço feminino, de cor clara, que não poderia deixar de ser notado sobre o piso escuro. Não dei atenção a ele e dobrei em um corredor para pegar produtos de limpeza, que ainda havia em certa quantidade. Depois de ter colocado alguns no carrinho, passei novamente pela peixaria, constatando que o lenço permanecia no chão. Inerte, desprezado, esquecido, parecia não existir para os poucos fregueses que, como eu, passavam por ele e nem para os funcionários do supermercado que transitavam pelo local.

Um lenço abandonado. Como me preparava para longos tempos de reflexão entre as paredes do meu lar, aquele pedaço de pano, talvez repleto de vírus, fez-me lembrar do “Otelo”, de Shakespeare. Nesse clássico da dramaturgia universal, o personagem que dá título à peça é um ser devorado pelo ciúme. Atormenta-o a ideia de que sua mulher, Desdêmona, o trai com o jovem e atraente Cássio. Otelo, como todo general poderoso, tem inimigos que se se fazem passar por amigos. Um deles faz com que Cássio encontre em seus aposentos um lenço furtado de Desdêmona. Pergunta, então, a ele o que pretende fazer

com o objeto e os dois conversam animadamente. Falam de uma prostituta, a quem Cássio pretendia dar o lenço, mas Otelo, escondido dos dois, só escuta parte da conversa. O que ouve, todavia, é suficiente para fazê-lo ter certeza de que a mulher mencionada era Desdêmona, por isso não havia mais qualquer sombra de dúvida: ela e Cássio eram amantes.

Por que me lembrei de Otelo? Porque desde bem antes da Covid-19, o mundo em geral e o Brasil em particular vivem uma febre de certezas. Antigas “verdades”, como a afirmação de que a Terra é plana, ou então a negação da importância das vacinas, voltaram a ser defendidas com força em vários países. Nas terras tupiniquins, desde o primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, outro tipo de “verdade” vem sendo proclamada por milhões de “Otelos”: a de que é preciso mover uma espécie de guerra santa contra um inimigo de muitas faces: face de esquerdista, de ateu, de intelectual, de imoral, de corrupto, de protetor de bandidos. Ele é “Cássio” e tudo que diz ou faz é o seu “lenço”, ou seja, a prova irrefutável de que se constitui em traidor da pátria. Embora “Cássio” seja uma caricatura, um Judas que se quer malhar para extravasar frustrações reprimidas, milhões de “Otelos” persistem em tomá-lo como o vilão do qual precisam se livrar.

Com a chegada da COVID-19, infelizmente eles veem ainda outra face no seu inimigo: a do isolamento social. O coronavírus, porém, não escolhe vítimas, atacando tanto os “Otelos” quanto quem eles chamam de “Cássio”. A doença promove, assim, uma equalização do infortúnio.

Pensando sobre tudo isso, o que espero para o amanhã, depois que a pandemia for controlada? Espero que a febre de certezas se reduza a uma febrícula. Que “Cássio” possa ser deixado de lado e que os “Otelos” compreendam a necessidade de zerar o ódio e de somar esforços para a reconstrução do país, já que muito haverá para ser feito. A começar pelo resgate do humanismo esquecido no fundo dos seus corações.

Aquele lenço claro, largado sobre o piso escuro do suermercado, pode ter sido um bom augúrio. Espero que, como ele, o “lenço de Cássio” também seja abandonado amanhã, quando tivermos derrotado

a COVID-19. O percurso até lá não será fácil, pois poderá haver uma segunda onda da enfermidade, que requeira nova quarentena e suscite também mais reações de contestação a esse tipo de medida profilática. Acredito, porém, que de um grande mal é possível extrair um bem maior. Pela palavra e não pela força, pelo diálogo e não pela imposição de discursos, pela perseverança e não pelo desânimo podemos planejar como viver dias melhores. Podemos recolher da dor lições que nos tornem realmente solidários e não apenas praticantes de uma solidariedade de ocasião. Nosso país e o planeta precisam de corpos e de mentes engajados em uma transformação real do modo de vida. O meio ambiente, os refugiados e todos os famintos do mundo clamam por isso. Entendo que tal mudança passa pela retomada de uma concepção que foi convertida em adversária do desenvolvimento econômico: a do Estado de Bem-Estar Social. Com base nela, podem-se traçar diretrizes não só para enfrentar as pandemias, mas para combater a miséria com seriedade. Vejo isso como um processo gradual que envolve o cumprimento de muitas metas, relacionadas tanto com as pequenas atitudes cotidianas quanto com as políticas públicas. Minha contribuição está nas ações, ideias e escritos que balizam meu modo de ver e de sentir o mundo. Sou professor universitário aposentado e embora tenha deixado de lecionar e de orientar pesquisas, não deixei de ser educador. Sendo assim, tenho por propósito, quando for possível sair do isolamento social, intensificar minha participação em palestras e em debates que ocorram em diferentes espaços educativos. Falando e ouvindo, quero estimular outros a também contribuírem para as árduas, porém imprescindíveis mudanças que precisamos realizar a curto, a médio e a longo prazo. Isso é um sonho? Talvez, mas vale a pena lutar por ele!

PANDEMIC

Jorge Abreu

Todos agora em mim!
Todos agora em nós!

- Pulmões
- Delimitações

Olhos boca nariz
Rosto mãos

(Inspire
Respire
Respiradores
Artificiais)

Todos agora em mim!
Todos agora em nós!
Armas letais!

Mesmo assim
Há quem te negue
Antes e depois
Do galo cantar!

- Flagelo
- Irrupção

Todos agora em mim!
Todos agora em nós!
Meros mortais!

(Inspire
Respire
Respiradores
Artificiais)

(Espanto!
Medo!
Susto!)

Mesmo assim
Há quem te mate
Antes e depois
Do sol raiar!

(Cadáveres!
Prantos!
Luto!)

10 de abril de 2020

Espaços restritos
Limites delineados
Fronteiras fechadas

PÂNICO, CONFINAMENTO E FUTURO

Vicente de Melo

Um poderoso vírus. Teorias conspiratórias. Conluíus surreais. Mortes, muitas mortes reais. Subitamente o mundo parou de verdade. Passei as mãos na cabeça. Segurei o rosto. Desliguei a televisão. Nossa vida não vale nada!

O tão temido vírus se disseminou pelo mundo em passos céleres. Como não podia deixar de ser, chegou ao Brasil. Estou confinado em casa. Quarentena? Que nada, muito mais! Faço parte do grupo de risco, pois os especialistas afirmam serem os idosos as principais vítimas. Afinal, sou um idoso no auge dos meus sessenta anos. Caramba, sessenta anos! Sessenta realmente é uma palavra forte. Com certeza não quero morrer agora, sem ao menos curtir alguns anos de minha aposentadoria recém-adquirida, da minha velhice sadia.

Às vezes fico sem saber o que fazer. Na casa vizinha, ouço meia dúzia de crianças gritando, correndo, chorando e brigando a todo momento, por qualquer coisa. Um copo se quebra, espalhando fragmentos pelo chão. Uma panela cai, suscitando um barulho ensurdecedor de diferentes corpos em atritos. A mãe, sem saber o que fazer, grita desesperada, citando o nome de cada um dos filhos. Amiúde, nos raros momentos de silêncio infantil, excomunga o governo pela suspensão das aulas. Sem se contentar, ainda culpa os professores, chamando-os de irresponsáveis, vagabundos e preguiçosos. Execrável! Felizmente minhas filhas são adultas. Meus netos, todos adolescentes, passam os dias entretidos com jogos, músicas e comunicações nos aparelhos celulares. Lá fora ecoou o som estridente da buzina de um carro. Uma freada brusca no quebra-molas. O som estridente da sirene de uma ambulância em alta velocidade. O latido esporádico de um cão no meio da rua. Caos urbano em tempos de crise.

Liguei mais uma vez a televisão. Morte, morte e mais mortes. Corpos cremados, sem ao menos serem velados pelos parentes. Choros, desesperos e lamentações. A música “O dia em que a terra parou”, de

Raul Seixas, saindo do som de um automóvel, ecoando pelos quatro cantos. O mundo parado. O país parado. As cidades vazias. As ruas desertas. A população amedrontada, aterrorizada, escondida em sua própria incerteza. Conselhos de médicos. Conselhos de infectologistas. Conselhos de especialistas. Conselhos de religiosos inescrupulosos prometendo curas impossíveis. Informações de um lado. Informações de outro lado. Coerências. Congruências. Incoerências. Divergências. Sensacionalismo. Charlatanismo. Pânico. Paranoia. Histerismo coletivo. Não seria mais fácil se todos seguissem as recomendações mais básicas, mais simples e, obviamente, as mais racionais? Sim, mas as pessoas gostam de complicar. Irracionalidade inata.

À noite beijei minha esposa. Um beijo simples culminou com sexo. Aliás, sexo sempre fora uma boa receita para todos os males da vida. Logo após o amor liguei a televisão. Assistimos a um filme cujo tema falava sobre um lugar imaginário onde ler é subversão, é crime imperdoável. Para isso, as autoridades queimavam livros, considerados armas perigosas. Os leitores, quando presos em flagrante, eram condenados à várias penas, inclusive pena de morte. Dormi após o final do filme. Sonhei com os meus livros pegando fogo. Acordei assustado, ensopado de suor. Levantei-me. Bebi um pouco de água. Dormi novamente.

Acordei cedo. Bebi café. Terminei a leitura da novela “A metamorfose”, de Franz Kafka. Como eu gostaria de ser um inseto agora, de preferência uma barata. Afinal, não dizem que a barata é um único ser vivo resistente às intempéries, sobrevivendo até mesmo à uma hecatombe nuclear? Dirigi-me à minha humilde biblioteca. Guardei o livro na estante. Sentei-me diante do computador. Escrevi, escrevi, escrevi. As letras deslizavam sobre a tela branca, lembrando dançarinos numa pista de gelo. Um conto. Uma crônica. Pronto! Parodiando Charles Bukowski, preciso escrever para não enlouquecer. Ufa, ainda bem que escrevo! Ainda bem que leio muito! Durante todo esse período de confinamento já escrevi mais de três contos. Já li mais de vinte livros.

Terminei de escrever. Peguei outro livro na estante, precisamente o romance “Os pastores da noite”, de Jorge Amado. Comecei a ler.

Refletindo sobre a miséria descrita com maestria pelo grande escritor baiano, lembrei-me de uma cena acontecida comigo no dia anterior, quando eu voltava da padaria. Ao passar por um mendigo, num misto de ignorância, humildade e inocência, ele me perguntou “moço, por que todo mundo está usando máscara na cidade?”. Engoli seco. Meus olhos lacrimejaram. Hesitei um pouco. Respondi, mas voltei para casa com a dúvida se o pária entendera alguma coisa. Afinal, o que é uma doença misteriosa diante da realidade da fome sempre matando milhões de pessoas pelo mundo?

Sinceramente, não vejo a hora de algum cientista conseguir a cura para essa doença maldita, provocada por um vírus desconhecido. Ou seja, vencer, literalmente, o poderoso, o impiedoso inimigo invisível. Quando todo este pesadelo terminar, e tenho certeza disso, vou fazer muitas coisas. Primeiramente vou abraçar minha mãe, nesse momento também isolada em seu apartamento. Vou abraçar minhas filhas também isoladas em suas casas. Vou abraçar meus netos. Vou jogar meu futebol no fim de semana com os amigos. Sim, tenho sessenta anos, mas ainda jogo futebol para matar o tempo. Vou sorrir muito. Vou chorar de alegria. Vou cantar. Vou dançar. Vou ouvir música. Vou viajar, viajar muito.

Nesses dias de isolamento, medo, obscuridade, incerteza e insegurança, pequenas coisas estão fazendo falta no nosso dia a dia. Mas com certeza, por outro lado, simples gestos, antes despercebidos, sem importância para muitos, passarão a ser mais valorizados. Um sorriso, um aceno, um agradecimento, um bom-dia ou um boa-noite. Pequenos cumprimentos não só para familiares, parentes ou amigos, mas também para a empregada doméstica, para o porteiro do condomínio, para o zelador da empresa, para o gari na rua, para o motorista do ônibus, para o entregador de gás, para o vizinho, para uma criança abandonada, para um mendigo. Ou seja, para todo mundo, sem discriminação, sem preconceito.

PEQUENOS ALENTOS & GRANDES SENSAÇÕES

Gabriel Cassar

Aparentemente, Portugal está em vias de retornar à normalidade. O primeiro dos passos será dado no dia 4 de maio (aleluia!), depois de longas semanas de isolamento social sem frescor. Um senhor alento, especialmente se comparado ao clima no Brasil, que acumula montanhas de mortos e segue sua guerra particular entre presidente e governadores.

Tenho lido muitas análises e colunas afirmando que o mundo nunca mais será o mesmo, que o passado ficará eternamente preso em nossas lembranças, abrindo passagem para uma nova realidade. A contemporaneidade será pintada com máscaras, precauções e uma mentalidade muito mais higienizada. Pensar que muitos faziam troça de alguns países da Ásia antes da hecatombe epidemiológica que nos acometeu.

Nas ruas de Lisboa, o movimento vai sendo retomado aos poucos. O pequeno comércio já funciona através de tenras frestas, os corredores já percorrem distâncias um pouco maiores, as reuniões entre amigos são feitas com mais frequência. Temo pela economia e pelos imigrantes, que já sofrem com a falta de dinheiro e amparo longe de suas casas. Se desse para acelerar, apertar um “fast-forward”, o faria, sem sobra de dúvidas; esperar por dias melhores é angustiante e desesperador, especialmente quando a única solução é ficar em casa.

A nova realidade é ainda uma incógnita, mas o presente não vai deixar saudades. No futuro, o gosto agridoce da quarentena lembrará a todos o quão difícil foi viver em isolamento. Com cuidados ou não, seremos a geração dos beijos, abraços e carinho. O calor humano como política pública e direito inalienável de todo cidadão.

PEQUENOS E GRANDES HERÓIS DA QUARENTENA

*Paula Cocate, Maria Luiza Cocate e
Déborah Tereza Guedes Cocate*

Ø Maria Luiza, uma menina de 5anos, estava super triste e se sentindo muito sozinha na quarentena. Já fazia 28 dias sem sair de casa e sem ver seus amigos.



Ø Sozinha no seu quarto, Maria Luiza, que era uma menina muito inteligente, olhou para seus brinquedos e livros...

Ø E pensou, pensou e pensou, até que teve uma brilhante ideia:



Ø – Hum...Vou construir um Foguete...

Ø Pegou o novo brinquedo e começou a “voar” pela casa... Ela viu que com o foguete poderia ir longe... Muito longe...

Ø Daí novas ideias foram surgindo na cabecinha dessa garota muito esperta.



Ø Maria Luiza falou:

Ø – Mãe... Você poderia ligar para minha amiga Maria Izadora e meu amigo Lucas?

Ø Mamãe da Maria Luiza então fez a chamada de vídeo.



Ø Maria Izadora e Lucas atenderam e logo Maria Luiza falou aos amigos:

Ø – Olá meus queridos amigos, estou com muita saudade de vocês. Tudo bem? Vocês topam me ajudar a salvar o UNIVERSO? Temos que fazer alguma coisa para acabar com esse MONSTRO que tanto está assutando o MUNDO todo. Vocês topam?

Ø E os amigos prontamente concordaram com a bela missão.



Ø – Amigos, disse Maria Luiza – o primeiro passo é construírem seus próprios “foguetes”.

Ø Depois vamos, cada um na sua casa, iniciar um experimento...

Ø Lembrem-se!!! Somos pesquisadores... E sim... Vamos conseguir salvar esse UNIVERSO...



Ø Após muito estudo e experimentos os três amigos “in-separáveis” descobriram a fórmula mágica pra acabar de vez como MONSTRENGO mais amedrontador desse UNIVERSO...



Ø Maria Luiza, Maria Izadora e Lucas começaram a preparar a tão esperada poção mágica...

E os ingredientes eram:

Uma pitada de Amor;

Um pacote de Fé;

Uma xícara de Paciência;

Um litro de Esperança;

Um pedaço de Respeito;

E ainda não poderiam FALTAR os famosinhos dessa poção: o álcool 70º, a água sanitária, a água e o sabão.



Ø PA RA TI BUMMMMM!

Ø Experimento pronto...

Ø Agora SIM, os amigos tinham uma bela missão a cumprir...

Ø Todos estavam muito animados para esse grande dia. E tinham certeza que seria tudo muito LEGAL!



Ø Maria Luiza, a líder do grupo, pediu os amigos para colocarem o EPI (Equipamento de Proteção Individual), o experimento numa garrafa e entrarem no foguete, para então irem direto à LUA...

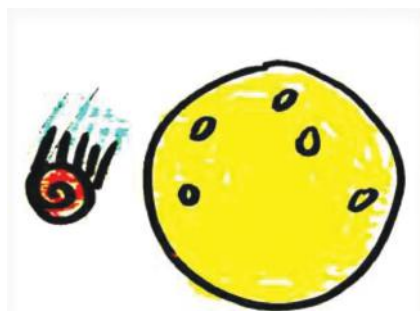


Ø No caminho até a LUA tiveram que sair dos foguetes e subirem um LÁPIS voador. Assentaram-se a 1,5m de distância um do outro e seguiram viagem...

Ø O LÁPIS voador tinha 6 botões especiais lindos e brilhantes com poderes magníficos, inclusive de viajar na velocidade da luz.



Ø Ao chegarem na LUA os três amigos, apertaram o botão AMARELO do LÁPIS VOADOR e esse pequeno botão se transformou em um grande meteoro.



Ø Assim, os amigos colocaram a poção mágica nesse meteoro, que explodiu em todo o PLANETA TERRA...

Ø PUMMMM... Foi um estrondo mundial!!!!



Maria Luiza, Maria Izadora e Lucas não sabiam se o experimento tinha dado certo...

Subiram no LÁPIS voador, e voltaram a Terra...

Quando chegaram lá viram a brilhante SUPRESA!!!!



As pessoas estavam mais lindas, mais leves,
sorridentes, felizes e juntas, sim juntas...

Se abraçando... Se respeitando... Se curtindo de
uma forma que nunca tinham visto antes....



Os três amigos...

Olharam um para o outro, e depois de vários dias
fisicamente distantes, juntaram suas mãos e deram
aquele GRITO...

UHULL! DEU TUDO CERTOOOOO!

MISSÃO CUMPRIDA!!!



POEIRA DE ESTRELAS

Mariana Andrade

Um dia Carl Sagan disse: “Nós somos poeira das estrelas”. Tenho certeza de que muitos podem não gostar dessa afirmação, já que não é de hoje que o homem não aceita ser colocado no mesmo patamar dos outros seres vivos. Já vimos o que aconteceu quando Copérnico propôs sua teoria do heliocentrismo, que dizia que a Terra não estava no centro do nosso sistema, mas sim o Sol. O mesmo aconteceu com Darwin, ao propor sua teoria da Evolução, demonstrando que todos os seres vivos do planeta possuem um ancestral comum. É possível citarmos diversos exemplos de cientistas, pesquisadores, estudiosos, que foram perseguidos, ridicularizados e até mesmo mortos por mostrarem a verdade que a soberba do ser humano não consegue aceitar: Nós não somos seres superiores.

E agora, dia 31 de Março de 2020, em pleno século XXI, onde muitos achavam que teríamos carros voadores, robôs que realizassem todos os tipos de serviços, que não existiria mais fome ou doenças no mundo, encontro-me trancada em casa, da mesma forma que mais não sei quantos milhões de pessoas, por causa de um “inimigo” microscópico e que para alguns nem sequer é considerado um ser vivo, um vírus, a COVID-19.

Enquanto isso vejo notícias de que as cidades estão com o ar menos poluído, animais voltam a aparecer em locais que não eram mais vistos, tartarugas nascem em praias que agora estão desertas por conta da quarentena. A vida segue. Apesar do ser humano e, aparentemente, muito melhor sem a gente. A vida segue assim como sempre seguiu antes de nós e vai continuar seguindo depois da nossa passagem por esse mundo. Não quero aqui defender que o ser humano é nocivo e que o planeta estaria bem melhor sem a gente, só não consigo parar de pensar que a frase de Sagan faz cada vez mais sentido:

“Nós somos poeira das estrelas”

Nós não estamos acima de nenhum outro ser vivo, mas sim conectados por relações que mantêm o equilíbrio do nosso planeta. Como nos ensinou Mufasa em *O Rei Leão*, todos nós fazemos parte do grande ciclo da vida. Não podemos mais viver nesse planeta como se fôssemos os donos de tudo o que tem nele, até porque, se formos comparar com outros seres que vivem aqui conosco (como os vírus, por exemplo), nós somos hóspedes que acabamos de chegar.

Agora, se tem algo de que podemos nos orgulhar em nossa espécie é a nossa capacidade em aprender e passar para os nossos semelhantes aquilo que foi aprendido. Que saibamos então aproveitar essa nossa capacidade para aprender e ensinar novas formas, não só de vivermos, mas de convivermos nesse planeta com todos os outros seres que, assim como nós, também são poeira das estrelas.

QUARENTENA MODERNA

Victor Ribeiro

Em tempos de quarentena
Eu me recluso
Em meu próprio espaço
Em meu quarto
Num quase parto
Eu me aguardo
Pois não chego nunca
Acho que continuo andando lá fora
Ouvindo lá fora
Pensando lá fora
Mas sentindo tudo o que há de sentir
Aqui dentro
Tudo se misturou numa tormenta tão confusa
Que já não sei onde me encontrar
Nesses momentos, quase que percebo
Quando meu cérebro me usa
De visor, pra passar as profundas agonias
Que já não sei se são minhas
Por mais que eu tente me ancorar
Nas coisas da superfície
Sempre sou puxado para o fundo
Que nem sei se existe

QUANDO TUDO ISSO PASSAR...

Priscila Cruz

Ah... Que saudade de um abraço!
É ao abraçar que nos sentimos abraçados
É o levantar quando estamos para baixo
A vida é mais vida dentro de um abraço.

O nosso momento agora é de nos afastarmos
E veremos que de fato nos amamos
Uns dos outros precisamos
Ah... A saudade vai apertar!

Quando tudo isso passar...
Vou correndo à casa dos meus avós
Abraçá-los bem forte
Quero rir, olhar nos olhos, conversar...
Deixar o amor falar por si só
Sentir aquele cheirinho de casa da vovó...
Vou perder as contas de quantos abraços eu vou dar!

Ah... Quando tudo isso passar...
Quero sair por aí, pular e rodopiar
Não estarei nem aí se vão olhar
A felicidade de viver ninguém pode nos tirar
Quero sentir o vento bater no rosto
Correr e saltar
E se der boabeira! Ah... Até cambalhotas eu vou dar!
Sorrirei aos quatro cantos do mundo
Direi que teremos todo tempo para sonhar
E abraçar o mundo sem sair do lugar.

Ah... Quando tudo isso passar...
Seremos mais vida do que podemos imaginar
Seremos mais capazes de olhar
E ver o que antes não conseguíamos enxergar
Seremos mais humanos
E sedentos com muita vontade de abraçar!

Agora só nos resta esperar
Fazer a nossa parte para esse vírus não pegar
Arrumar aquela gaveta, colocar coisas no lugar
Ou até mesmo bagunçar, revirar...
Olhar fotografias quando a saudade apertar
Relembrar bons momentos, visitar sentimentos
Fazer aquela receita que nunca tinha tempo...
Olhar na janela e ver o tempo passar
Pegar sol na varanda
Ver o pássaro cantar
E se a imaginação for fértil
Por que não voar?

Ah... Quando tudo isso passar...
Vai passar...
Vai passar...

BAURU, UM DESSES ÚLTIMOS DIAS DE QUARENTENA DE 2020.

Tais Crema Remoli

Querido Tempo,

É estranho pensar que de tanto lhe pedirmos, você tenha realmente encontrado uma forma de parar... Não literalmente, mas quase... Parou de modo que todos os dias se tornaram domingo, fazendo-nos ficar em casa.

Mas ficar em casa não foi tão bom como pensávamos que seria. Quando se vislumbrava a ideia de “home office”, assistir a maratonas de filmes e dormir até não poder mais, não se tinha a ideia de que tais benefícios viriam acompanhados por um aprisionamento social, regado a um não poder mais passear, sair para dançar, encontrar com amigos e familiares... ou abraçar!

Foram momentos sombrios para uns, em que um simples espirro vizinho já provocava um ritual nunca antes experimentado, com lavagens de mão cronometradas, sapatos deixados do lado de fora, celulares e objetos higienizados minuciosamente... e para quê? Prevenir-se de algo que não se podia ver, no entanto que, como um tsunami do oriente, avizinhava-se cada vez mais.

Olhando para esses dias, muito aprendizado tivemos. Aulas online para crianças, quem preveria tal proeza nos dias atuais? Foi um reinventar-se, com pais virando babás, cozinheiros, professores e..., finalmente, colecionando momentos com seus filhos.

Por tantas vezes nesse período dissemos: que pena não poder estar aí, gostaria tanto de lhe convidar para entrar, estranho não poder lhe cumprimentar... Sentimos uma solidão diferente, provocada por momentos não espontâneos de reclusão. Foi então que aprendemos mais: o valor da liberdade! De poder correr ao ar livre, dançar na chuva, tomar um banho de mar...

Sabe, Tempo, pensei em dizer que, depois desta longa quarentena, esperava que tudo voltasse como era antes.

Mas na verdade não! Espero que tudo seja melhor! Muito e verdadeiramente melhor... Com todos aqueles encontros mencionados realmente acontecendo, valorizando-se familiares e amigos e os tendo fisicamente por perto. Em um momento de finalmente desligar a tecnologia, que tanto nos ajudou.

O que almejo de verdade é que não nos tornemos pessoas acomodadas em nossas casas, pois é preciso nos lembrarmos dos vizinhos que fizeram as serenatas, dos que se ofereceram para fazer compras aos idosos do prédio, daqueles que costuraram os aventais e máscaras e de todos os que lutaram bravamente para combater o que nos avassalava...

Assim, os meus planos para o futuro são colocar em prática a lição aprendida de que o homem ainda não está pronto para viver isolado, nem é feliz desta forma. De modo concreto, pretendo dar muitos abraços, não aqueles meramente por formalidade... E sim aqueles que aproximam os corações e nos fazem lembrar que somos humanos!

Quero promover encontros e presenças, criar novas memórias alegres, muitos contatos e conexões ao vivo. E assim juntos, em comunidade, reaprendermos a nos reerguer, construir o que preciso for, de mãos literalmente dadas e com a certeza que estamos ainda mais fortes.

Obrigada, Tempo, por todos os momentos de reflexão, todos os pássaros, pores do sol, gotículas de chuva na janela e toda a vida que aprendemos a apreciar enquanto tudo estava parado. Que esta lição de calma e introspecção também continue conosco quando o mundo voltar a acelerar.

Com carinho,

Uma das muitas sobreviventes

UMA CARTA PEDACINHO DE SOL

Bruna Moraes Battistelli

Amada minha,

Eu acho que estamos há mais de quarenta dias em casa (honestamente eu perdi as contas). Tentando respeitar ao máximo o distanciamento social e a quarentena, estamos sobrevivendo, com dias bons e outros nem tanto assim. Hoje resolvi te escrever. Quando pensei em encaminhar uma carta para o projeto Compartilhando Leituras pensei em mil possibilidades de destinatárias, mas a escrita sai fácil quando é pra ti. Assim, te escrevo inspirada em um projeto sobre escritas esperançosas, sobre planos para um futuro pós-pandemia. Pois bem, minha amada companheira, a carta-texto que sai é pra ti. Uma carta meio envergonhada, mas sem medo de parecer piegas. Honestamente, eu queria com minhas palavras te oferecer um pouquinho de sol, um pouquinho de rua, do verde que tu tanto gosta e me ensinou a gostar. Uma carta com gosto de sentar na grama com o Sol no rosto, como tu me ensinou a apreciar quando nos conhecemos. Uma carta que talvez te chegue ou fique no mundo de cartas que escrevo mas não compartilho.

Sei que está complicado pensar para além do momento que estamos vivendo, mas eu queria te falar dos planos que aninho pra nós: as viagens que faremos, os dias de sol na Redenção, as fugidas ao cinema da Casa de Cultura, as peças que iremos ver. Planos que precisam de todo o cuidado e carinho, pois são frágeis e dependem de um mundo que está mudando (e espero que para melhor) e de como o país estará daqui a algum tempo. Planos que dependem de nós, mas também de uma imensidão de pessoas que também experienciam a pandemia. Assim, os planos que contigo quero compartilhar precisam ser cuidados como pequenos cristais que podem quebrar ao toque não sutil e precisam ser aninhados e aquecidos como uma galinha faz com seus ovos.

Feche os olhos e sinta o Sol, sinta também a grama verde fazendo cócegas nos teus pés, o vento passando pelo teu corpo e as árvores dançarem sob nossas cabeças. Meu mais singelo plano é te escrever cartas acaloradas como o Sol. O mesmo que hoje precisamos nos espremer na varanda para podermos sentir um pouquinho (e recuperar a vitamina D). Lembra que começamos a quarentena com o calor do outono, um tempo agradável, com roupas leves e janelas escancaradas para a passagem do vento. Hoje, quando me ponho a te escrever a temperatura é baixa e o frio do inverno nos bate à porta. Confesso que me preocupam os dias frios e nublados. Já bastam os dias “nublados” com os quais precisamos lidar quando a tristeza desce e os fantasmas nos assombram. Desejo para nós os dias de sol, daqueles que dá vontade de sair por aí, para ficarmos sentadas comendo bergamotas.

Sinto que me repito, mas queria com esta carta te oferecer um pouquinho das tardes na Redenção ou na Orla, da quentura que acalenta a alma. Nosso futuro pós quarentena há de ser assim: quente como o sol de verão, fresco como os ventos do outono, que quando chegam amenizam o calor de março.

Mas e os planos de que falei? Eles não são mirabolantes, como tu já deve prever! Nossos planos de futuro são cotidianos, minúsculos, miúdos: poder caminhar pela cidade (eu, tu e o pequeno), andar por entre os museus do Centro, percorrer as pracinhas e terminar a tarde com um café na padaria (e no final reclamar do quão cara ela é). Sonho que a gente possa voltar a ter domingos preguiçosos, onde escolhemos sair para a Redenção no meio da manhã, não preocupadas com o almoço ou com o horário de retornar. Meus planos para nossa família envolvem Sol na cara e os pés circulando por aí... Envolvem nossas pequenas brigas por eu errar o caminho no GPS quando saímos para viajar. Quando paro a pensar em planos pra nós, penso em todas as viagens que não pudemos fazer nesse mês de abril e março. Meu desejo?

Que elas se desdobrem em muitas outras: que a gente vá a praia (mesmo sem poder tomar banho), que a gente suba as montanhas, vá de encontro ao desconhecido e que nos percamos pelos caminhos que

formos explorar. Sonho com novos itinerários de viagem e de vida para a gente.

Te escrevo, enquanto tu brinca com o pequeno pela casa. Há dias que escuto Mercedes Sosa pra ter um pouco de alento ao coração e porque fico sempre na espera que tu cante algum trecho de alguma das músicas. É lindo quando tu canta alguma música dela (é lindo quando tu canta e toca o ukulele). Enquanto te escrevo sobre os pequenos planos que cultivo para nós, tu circula pela casa tentando criar uma pequena ilha de alegria pro nosso pequeno (com fita crepe e tintas).

Falando nelas, são pequenas ilhas de alegria que espero pra gente no mundo pós-pandemia. Que tu possa se encontrar com a sala de aula de novo (espaço que te deixa com um brilho especial nos olhos). Que eu possa passear no mercado sem achar que serei infectada, que a gente possa voltar a ir à feira no sábado de manhã sem a preocupação que hoje nos impede de fazer isso. Quando li a proposta de escrita que inspira esta carta, fiquei alguns dias pensando em que sonhos narrar. O que eles esperavam quando fizeram aquele enunciado? Sonhos gigantes, super viagens, mudanças radicais de vida? Honestamente, acho que minha carta pra ti tem poucas chances de ser escolhida para publicação, mas mesmo assim escrevo. Escrevo movida por te contar o que quero pra nós, o que venho acalentando nesse momento de dias duros e poucas perspectivas otimistas. Assim, como uma boa otimista que sou, desejo que os sonhos miúdos do dia a dia ganhem força e que possamos apreciar as miudezas da rotina e do cotidiano quando chegar o fim da quarentena e da pandemia (porque essa há de ter fim). Que com muito amor possamos construir possíveis para habitarmos!

Te amo, tua Polola

PALAVRAS FINAIS

CONCURSO “PRODUÇÕES EM TEMPOS DE ISOLAMENTO” NA PERSPECTIVA DOS EXTENSIONISTAS

Amanda Barbosa Martins Ferreira

Ana Lucia de Andrade Barreto

Felipe de Carvalho Ferreira

Lidiane Jeane Lima Cezario

Rebeca Oliveira Calado

A experiência de levar a extensão universitária para o âmbito virtual emergiu de um clima instável, preocupante e inesperado não só no Brasil, mas no mundo todo. Traçar novas estratégias e se reinventar em meio a uma situação delicada fez de nós, enquanto estudantes e futuros(as) professores(as), não apenas reorganizar nossa agenda de atividades, mas também a reconsiderar algumas de nossas certezas e compreensões dos impactos e importância de uma extensão universitária.

Depois de aproximadamente um mês sem aulas e com as atividades paradas, nossa coordenação trouxe a ideia de criarmos a proposta de um concurso virtual, no qual as pessoas pudessem usufruir desse espaço para compartilharem suas angústias, perspectivas, ideias e sentimentos através de escritas livres. Para isso, foi necessário pensar previamente em alguns detalhes que tornassem nossa proposta atrativa e convidativa para os(as) futuros(as) participantes.

Nesse sentido, o processo de design, escrita e divulgação planejaram cada detalhe para que não perdêssemos a nossa identidade de um projeto que visa e prioriza, o compartilhamento e leitura de mundo. Inicialmente, nossa perspectiva era de alcançarmos entre 80 a 100 inscritos. Felizmente, nossas projeções superaram o que havíamos imaginado, extrapolando a marca de 600 textos recebidos via e-mail.

Para além dos números, consideramos que são mais de 600 pessoas que disponibilizaram e compartilharam suas vivências e talentos ao

longo de um mês, tempo que ficou disponível o concurso. Foi possível conhecer as experiências de pessoas de todas as idades e lugares: desde crianças a idosos, de dentro e fora do país. Essa oportunidade múltipla dimensionou os impactos que uma pandemia pode incidir em momentos e de formas distintas.

Para a nossa surpresa, com as repercussões da divulgação, já na primeira semana lotaram a nossa caixa de entrada no e-mail; a página do instagram duplicou o número de seguidores e chegamos na marca de dez mil impressões pelo facebook. Com toda essa reverberação da nossa iniciativa, caminhamos com a tarefa de organizar todo o material recebido.

Nesse momento, foi necessária a organização em planilhas que constassem as seguintes informações: nome do participante, título da produção, data de envio e gênero textual. Esse trabalho foi importante para categorizar e organizar todos os textos e facilitar, posteriormente, as avaliações. O fato de conseguirmos juntar professores e técnicos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para nos auxiliar na banca avaliadora demonstra entre outras situações, o canal estabelecido entre outras instâncias universitárias e que sem estas não chegaríamos no sucesso que foi o concurso.

As atividades de organização do material recebido se deu de forma coletiva. É importante salientar que essa atividade fortaleceu o companheirismo entre nós, extensionistas, que foi construído realizando as ações propostas com muito carinho e disposição de nos ajudarmos a todo momento, algo que consideramos imprescindível para que todo o trabalho se concretize de forma esperada e satisfatória.

Por meio das leituras realizadas, percebemos o imenso potencial presente em cada texto, devido a pluralidade de posicionamentos apresentados. Alguns materiais eram mais sucintos, outros na marca das mil palavras permitidas, mas sem dúvida cada um abordava o tema proposto de uma forma ímpar, com base na perspectiva vivenciada. Assim, entre uma análise e outra a atmosfera das obras se modificavam completamente. Por vezes, os escritores se mostravam muito otimistas e nos traziam uma mensagem de esperança, de dias melhores.

Outras, eram extremamente realistas, nos fazendo colocar os pés no chão, lembrando da importância de se resguardar em nossos lares e intensificar nossa reflexão sobre a condição da nossa e de outras nações.

Como mencionado anteriormente, chegaram até nós, produções realizadas por um público bem diverso. Assim sendo, podemos reafirmar a riqueza de subjetividades que foram expressas pelos participantes, pois, no decorrer do concurso, fomos contemplados com textos de várias regiões do Brasil e de países como: Angola, Estados Unidos e Portugal, algo que nos deixou emocionados, dado que, alcançamos e superamos nossos objetivos. Entre outras palavras, além de tornar o projeto mais conhecido, proporcionamos a um número significativo de pessoas a oportunidade de participar de um concurso que pôde ser um espaço de troca, aprendizado e vivência no atual momento delicado.

Nos motiva imaginar esse E-book como um registro histórico importante, que ficará marcado para que futuras gerações entendam o impacto psicológico-social que a população mundial vivenciou no ano de 2020. As escritas variadas mostram um misto de medo, otimismo, pessimismo, esperança, felicidade, tristeza, insatisfação política e diversos outros sentimentos de pessoas distintas que nos próximos anos serão essenciais para se entender sobre o impacto de uma pandemia - que inicialmente parecia distante, na China - alcançou o mundo de forma rápida e atingiu a população e governantes nem sempre preparados.

Saber que o concurso, criado e planejado com tanta dedicação, foi uma oportunidade na qual o público pôde utilizar para compartilhar uns com os outros seus sentimentos e perspectivas a respeito desse momento ímpar, nos encoraja a pensar cada vez mais sobre a importância que projetos como esse tem na vida da população e como podemos nos unir para criar diferentes maneiras de passar por momentos como esse.

Sendo assim, gostaríamos de convidá-los a se permitir mergulhar nessas palavras compartilhadas pelos autores vencedores no concurso de escrita: “Produções em Tempo de Isolamento”, contando suas

sensações e vivências em meio a um momento atípico da nossa história ao qual todos nós precisamos, nesse momento, nos isolar e convivermos mais intensamente com essa nova experiência do novo normal.

Com toda certeza, ao final desse capítulo complicado no mundo, a vida será diferente. Teremos como tarefa nos adaptar ao novo, e saber que temos pelo menos uma parte dessa mudança documentada, sob os olhos de diversos autores que experienciaram de diferentes maneiras esse período. Para nós, extensionistas, a adaptação começou a partir do momento em que tivemos que transformar nosso projeto por conta das circunstâncias. A lição que nos deixa é de que podemos e devemos sempre nos (re) inventar e buscar a união com nossos pares para tornar a caminhada mais leve.

AUTORES

Bárbara Eufrazio - Eu me chamo Bárbara Eufrazio, tenho 24 anos e curso Medicina. Moro em Cuiabá-MT. Sempre tive meu coração morando em poesias e a cabeça viajando em melodias. Um dia escreverei livros sobre pediatria.

Bruna Moraes Battistelli - Moro em Porto Alegre/RS, sou psicóloga e doutoranda em Psicologia Social e Institucional na UFRGS. Trabalho com cartas, cuidado e escuta para uma psicologia feminista e decolonial.

Ceila Menezes - Jornalista, residente em Dianópolis/TO, nas Serras Gerais. Parabéns pela brilhante iniciativa. Em um momento de distanciamento social, as palavras unem sentimentos e pessoas de regiões distintas e isso prova o quanto é importante e essencial a literatura, que tem esse poder transformador na vida de tantas pessoas, principalmente neste momento de pandemia.

Daiani da Silva Barbosa - Historiadora, apaixonada por filosofia, literatura e cinema. Possui como área de interesse e pesquisa os movimentos sociais do século XX. Vive em Nova Friburgo, região serrana do estado do Rio de Janeiro.

Déborah Tereza Guedes Cocate - Mineira de Ubá, moradora de Astolfo Dutra, pedagoga, esposa, mãe e avó, ilustrou esse texto com todo seu amor e carinho. Mulher com habilidades manuais admiráveis, de grande sabedoria e que irradia alegria.

Estela Conceição de Albuquerque - Moradora da Penha Circular (RJ). Sou professora da alfabetização desde 2004 e mestre em Linguística Aplicada (UFRJ). Amo ler e escrever poemas.

Flavia Santos - Mulher negra, mãe, avó, pedagoga (fruto de políticas públicas, aprovada no Enem), 47 anos, é moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Inspirada na obra “A coragem de criar”, de Rollo May, escreveu o poema como um desejo de exteriorizar o seu sentimento de angústia, mas sem perder a esperança por dias melhores. Agradeço à família, aos amigos e membros do grupo de pesquisa - Teatro da Palavra e ao Mestre Carlos Roberto de Carvalho, professor do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ.

Gabriel Cassar - 27 anos, é jornalista formado pela Escola de Comunicação da UFRJ. Atualmente, vive em Lisboa e dedica-se à carreira de escritor, tendo já publicado dois livros: “Ressaca do Adeus e Outras Crônicas” e “Nem tudo precisa de nome”.

Gustavo Fernandes - 34 anos, moro no Rio, designer apaixonado por arte, literatura e capas de livros. Escritor nos sonhos, que se arrisca nas horas vagas.

Heriete Takeda - Sou paulista, natural da cidade de São Paulo. Aposentada, 63 anos completados em plena pandemia, faço parte do temido grupo de risco. Escrevo para exercer o meu ser e ter horizonte.

Isabela Pessoa - Escrevi o texto “O ato de sonhar”. Sou do Rio de Janeiro, curso psicologia na UFRJ e tenho 21 anos.

Jonatan Magella - Vive em Nova Iguaçu/RJ. Publica contos há dez anos em sites, revistas, coletâneas e livros autorais. Organiza o jogo literário Aleatórios. Escreve também para teatro e cinema. Formado em História, leciona na rede pública iguaçuana. Tem 30 anos.

Jorge Abreu - Mora em Barra do Corda (MA), tem 57 anos. É autor do livro de poemas Danações (Editora Trevo, São Paulo, outubro de 2018).

Kíssila Muzy - Reside na cidade de Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, onde divide seu tempo entre cuidar da família, escrever contos, crônicas e poesias e refletir sobre como contribuir para melhorar o mundo.

Mariana Andrade - Me chamo Mariana Andrade e moro na cidade de Nova Iguaçu (RJ). Sou professora de Ciências e Biologia e mestranda do curso de mestrado em Práticas de Educação Básica - Colégio Pedro II. Sempre fui apaixonada pela leitura e pela escrita e em tempos de pandemia escrever tem sido uma forma de enfrentar esse período de perdas e incertezas.

Maria de Fátima Bardano - Sou servidora da UFRJ desde 2010, empossada como Administradora, lotada no CFCH desde maio de 2019, atualmente na seção de Almoarifado. Sou carioca, graduada em Administração e Comunicação Social e com mestrado em Gestão e Estratégia pela UFRRJ. Sou casada, tenho um filho e moro desde 2000 na cidade de Miguel Pereira no sul fluminense.

Maria Luiza Cocate Vieira - Moradora de Petrópolis-RJ. Menina de 5 anos, estudante da educação infantil (jardim III), muito criativa, alegre, cheia de energia, e que ama desenhar, pintar e brincar com bola e bonecas.

Matteo Pupillo - (1994), nacionalidade italiana, vive em Lisboa há quatro anos. É mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa e trabalha como professor de Português como Língua Estrangeira, tradutor e investigador no âmbito das literaturas em língua portuguesa.

Nalva Santos - Sou natural de uma daquelas cidades onde todos se conhecem, Miradouro fica no interior da Zona da Mata mineira. Sou especialista em Literaturas Brasileira e Portuguesa. Escrevo de tudo um pouco, passeio da crônica à poesia e descobri nas palavras a chance de conhecer o mundo (e criar o meu próprio).

Nilza Menezes dos Santos - Saudações literárias! Eu sou a Nilza Menezes dos Santos, moro na capital mineira há 20 anos, mas sou do Vale do Aço, região industrial do leste de Minas. Sou graduada em Letras pela UFMG, com pós-graduação em Gestão Pública pela UEMG e sou servidora pública municipal.

Paula Guedes Cocate - Mineira de Astolfo Dutra, moradora de Petrópolis-RJ, mãe da Maria Luiza e professora do curso de Educação Física (EEFD) na UFRJ.

Priscila Cruz - Mora na cidade do Rio de Janeiro, formada em Pedagogia pela FE/UFRJ e mestranda no PPGEb- CAP/ UERJ. É professora com vínculo na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, criadora e Coordenadora do Projeto de Leitura De Conto em Conto que acontece na escola Municipal D. João VI. Autora do livro “Ouvi Chover Poesias”, possui participações em várias antologias poéticas e em livros científicos.

Rebecca Reina - Tenho 23 anos, dona do @rebeccareinaescritora, moro no Rio de Janeiro e sou formada em Letras Inglês pela UFRJ. Acredito que o exercício de pôr palavras em papel nos faz descobrir e redescobrir sentimentos ocultos muito poderosos para a nossa existência, assim como a leitura é capaz de nos renovar. Espero que o seu processo de leitura do meu poema te toque tanto quanto me tocou.

Renato Massari - É doutor em Educação e professor aposentado da UFRJ. Na área de ficção, foi contemplado em primeiro lugar no concurso de romances - Melhor Escritor de Rio de Janeiro - da Editora Planeta Azul, com a obra “Barca das Lembranças”, em junho/2020. Suas últimas publicações são: “Sentimentos, Sabores, Semblantes” (Poesia), 2a. ed Editora Baraúna, 2020; “Montagens Cariocas” (contos), Editora Autografia, 2019.

Ricardo Evangelista - É de BH. 50 janeiros. Poeta, sociólogo e saciólogo, agente público PBH, declamador, trovador, cordelista, compositor, palestrante, performer, professor, pesquisador.

Ricardo Valentim - Sou arquiteto urbanista, com especialização em história da arte sacra, filósofo e estudante de psicologia. Tenho 48 anos e moro na cidade de Niterói, RJ. Sempre gostei de escrever e esse concurso foi muito interessante para colocar no papel os sentimentos que me surgiam diante dessa pandemia.

Samir Schneid - Professor do Departamento de Clínica Médica da Universidade Federal de Pelotas. “Que a alegria por aprender jamais nos abandone.”

Sandro Carlos Rocha da Silva - Morador de Carapicuíba no estado de São Paulo. É formado em Sistemas para Internet pela Fatec Carapicuíba e músico pela Universidade Villa Lobos. Como autor, participou de várias antologias de contos e poesias, inclusive recebeu uma menção honrosa com o conto “A

bailarina do sertão” pelo CNNE e em breve terá um livro infantil lançado com o título “O ursinho de papelão”.

Taís Crema Remoli Ferreira - Residente em Bauru, São Paulo. Sou graduada em Letras e, atualmente, doutoranda em Educação pela UNESP de Marília. Coordeno uma escola bilíngue na cidade em que resido. Ler e escrever sempre fizeram parte de minha jornada. Parabenizo a todos pela iniciativa deste projeto tão importante para o momento atual.

Tatyana Marques de Macedo Cardoso - Reside na cidade do Rio de Janeiro e é bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Centro. Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Thiago Luz - Nome literário de Thiago Oliveira de Carvalho, nasceu no Rio de Janeiro em 1982. É graduado em letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e possui dois livros publicados no gênero poesia: “Fragmentos Noturnos” (Ed. Multifoco, 2012 - Brasil) e “Fragmentos de um Vencido” (Poesia Fã Clube, 2013 - Portugal).

Vicente de Melo - Mora em Brasília. Contista e romancista, venceu o “Prêmio SESC de Contos Machado de Assis”, edição 2005. Tem um romance e três coletâneas de contos publicados.

Victor Drude - Tenho certa dificuldade com apresentações, sobretudo as mais diretas. Sou tanto, ao passo que mudo tanto ao mesmo tempo que penso tanto. Entretanto, sou Victor, carioca e residente do Rio, estudante de Psicologia, apaixonado pelas artes e pela Filosofia. Ah, e não poderia esquecer, poeta de araque.



No período de confinamento pelo qual passamos, após um período de completa mudança em nossas rotinas e atitudes, recriamos nossa forma de ser e nos permitimos fazer novas experiências nas mais variadas áreas. Os textos reunidos neste E-Book revelam experiências de escrita em tempos de confinamento que servirão para futuras gerações conhecerem o que vivemos juntos.

Nossa vida ganhou novas configurações, a forma de ser dos núcleos familiares se reorganizou. O encontro da avó com a neta se transformou em uma história cheia de carinho construída à distância, uma carta foi escrita, lugares foram revisitados pela poesia e pela saudade. Sob esta perspectiva, o confinamento não é somente privação e fechamento, mas um estado latente e fervilhante de potencial inventivo de estar presente e deixar uma memória.

Talvez, para alguns esse momento de estar em casa tenha revelado um importante espaço para pensar sua existência e fazer o seu balanço do momento atual. Quem sabe as resoluções de mudança possam rapidamente dar lugar ao ativismo e à pressa quando tudo voltar à nova normalidade, mas o momento de reflexão está registrado em vários lugares, nos lembrando que esse tempo existiu e que sofremos mundialmente por um mesmo motivo.

Rejane Amorim

ISBN 978-65-87594-15-6



9 786587 159415 6

LETRAPITAL